

A INDÚSTRIA DA TATUAGEM E O RACISMO ESTRUTURAL BRASILEIRO: Uma análise acerca da baixa representatividade das tatuagens em peles não brancas

Fernanda Russel Nascimento Barbosa¹ – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Maria Iraê de Souza Corrêa² – Universidade Federal Rural de Pernambuco

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre a baixa representatividade das tatuagens em peles não brancas e o racismo estrutural brasileiro. Para isso, utilizamos de uma pesquisa exploratória descritiva e aplicada, de caráter misto, ou seja, quantitativo e qualitativo, para identificar aspectos referentes ao consumo de tatuagem nestas peles, sendo eles: a) Verificar se os clientes não brancos se sentem representados na indústria da tatuagem; b) Identificar se a representatividade é um fator determinante para o consumo do serviço; c) Entender os desafios enfrentados pelos profissionais nas tatuagens em peles não brancas. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas com 12 tatuadores para os dados qualitativos, e envio de questionários online para clientes autodeclarados não brancos para dados quantitativos que, ao fim de uma semana, obteve-se 1.005 respostas válidas. Os resultados demonstram que a indústria da tatuagem reproduz comportamentos e costumes estruturais do racismo presentes na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Racismo Estrutural. Representatividade. Afroconsumo. Tatuagem. Pele Negra.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil se configura como um país majoritariamente negro. Em dez anos, o número que era de 53% da população, aumentou em 32% para os que se declaram pretos e em quase 11% para os que se declaram pardos, totalizando 56,1% de negros – população preta e parda – no ano de 2021 (AGÊNCIA IBGE, 2022). Porém, apesar dessa configuração, diversos estudos acadêmicos relatam uma baixa participação da população negra nos meios de publicidade e comunicação (MARTINS, 2009), como indicado por Fernandes (2021) ao afirmar que, nesse meio, os negros se manifestam por uma presença numérica não correspondente à realidade. Dessa forma, a maior parcela dos cidadãos brasileiros não está representada e, a partir desta observação, é natural que se questione o porquê dessa desvantagem representativa social dos negros quando comparado aos brancos no contexto brasileiro, elo entre a falta de representatividade e o racismo.

Em seu livro *Racismo Estrutural*, Almeida (2018, p. 33) afirma que “as instituições são racistas porque a sociedade é racista”, ou seja, não é um comportamento criado pela empresa, e sim por ela reproduzido, mas que, como acontece com as estruturas, pode ser alterada. Além disso, nessa luta contra o racismo, o autor afirma que a representatividade é um passo

¹ Estudante concluinte do Curso de Bacharelado em Administração. *E-mail:* fernanda.russel@ufrpe.br

² Professor(a) Orientador(a) do Departamento de Administração da UFRPE. *E-mail:* mariairae.correa@ufrpe.br

importante e que a sua falta é vista como motivo de descrédito para as instituições, podendo ser entendida como retrógradas, incompetentes e até antidemocráticas, tendo como consequência possíveis prejuízos econômico-financeiros, como boicotes aos produtos por partes da população (ALMEIDA, 2018).

Uma forma de analisar essa realidade, que costuma ser o primeiro passo na caminhada de enfrentamento ao racismo, é o “Teste do Pescoço”, um exercício que ficou mais conhecido após uma publicação do Portal Geledes (SOUZA; ANTERO, 2013), encorajando seus leitores a observar em quais ambientes estão os negros e brancos e, dessa forma, se o Brasil é de fato um país pluricultural, uma democracia racial e se todos são tratados iguais perante a lei. Sendo, dessa forma, “uma metodologia tão singela quanto perspicaz, capaz de jogar luz em apagamentos há muito naturalizados” (OLIVEIRA, 2022).

Exemplificando essa realidade e a importância da representatividade, Glória Maria – primeira repórter negra da televisão brasileira –, em participação no programa Roda Viva, da TV Cultura, em 2022, afirmou que “o racismo está aí, existe” e que se muitas pessoas hoje conseguem falar sobre o racismo, é pela sua presença na televisão brasileira (MARINI, 2023). Abordando o mesmo pensamento, a jornalista Flávia Oliveira (2023) afirmou que Glória foi a mulher que ousou tirar os corpos negros da “fatalidade da precarização e exibir em cadeia nacional contando as histórias do Brasil” (OLIVEIRA, 2023), uma vez que mulheres negras são a maioria das desempregadas e pobres, com menor escolaridade e piores índices de acesso à saúde, sendo uma herança do período escravocrata. Oliveira acrescenta ainda que toda jovem e toda mulher negra brasileira que, em algum momento a partir dos anos de 1970 imaginou ser jornalista, teve Glória Maria como referência, sendo uma profissional que “inspirou, certamente, todas as jornalistas negras brasileiras, e nelas eu me incluo” (OLIVEIRA, 2023).

Portanto, utilizando o teste mencionado como uma ferramenta de análise crítica à indústria da tatuagem, principalmente observando os portfólios dos profissionais nas redes sociais, torna-se fácil perceber que os trabalhos expostos são, em sua maioria, em pessoas brancas. Ou ainda que, mesmo em pessoas negras, os profissionais utilizam de artifícios fotográficos, como baixa saturação e alto contraste, para embranquecer uma pele negra ao publicar seu trabalho. Além disso, outro fator determinante para a realização do trabalho foi o pouco ou nenhum conteúdo encontrado acerca das tatuagens em peles não brancas e a relação com o racismo durante a pesquisa e estudo do referencial teórico.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre a baixa representatividade das tatuagens em peles não brancas e o racismo estrutural brasileiro, na qual se objetivou especificamente: a) Verificar se os clientes não brancos se sentem representados na indústria da tatuagem; b) Identificar se a representatividade é um fator determinante para o consumo do serviço; c) Entender os desafios enfrentados pelos profissionais nas tatuagens em peles não brancas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esse referencial teórico é composto por três seções. De início, é apresentado o que é e como o Racismo Estrutural atua no contexto brasileiro, observando também o histórico do Brasil escravocrata e, a partir disso, passar para a segunda seção: representatividade e afroconsumo. Sendo, dessa forma, possível observar como a população não branca brasileira se sente e é atendida pela indústria. Por fim, na terceira e última seção, tem-se a Tatuagem, na qual é apresentado o seu histórico e funcionamento no país e no mundo. Vale dizer ainda que não foram encontrados artigos acadêmicos sobre tatuagens em peles não brancas.

2.1. Racismo Estrutural

Para falar sobre racismo no Brasil, segundo Ribeiro (2019), é preciso, sobretudo, fazer um debate histórico e estrutural, relacionando a escravidão e o racismo. O país, apesar de não ter em sua história experiências de racismo explícito, é um país racista, sendo um equívoco concluir o contrário pela sua estrutura diferente e, dessa forma, se faz importante também mapear as consequências por essa herança histórica, na qual os únicos beneficiados são a população branca (RIBEIRO, 2019).

Durante os anos de 1500 a 1888, o Brasil foi um país escravocrata, tendo sua economia diretamente ligada à exploração de mão-de-obra dos povos indígenas e africanos (BRESCIANINI, 2019). Porém, mesmo após a abolição da escravidão brasileira, a discriminação da população não branca não seguiu o mesmo rumo. A falta de medidas inclusivas e políticas públicas voltadas para essa população ao longo desses séculos tiveram como consequência para a maior porcentagem da população do Brasil, infelizes e duras realidades como o preconceito, violência, pobreza e desigualdade social (SANTOS, 2019). E, antes disso, Schwarcz afirmou que:

A escravidão, em primeiro lugar, legitimou a inferioridade, que de social tornava-se natural, e, enquanto durou, inibiu qualquer discussão sobre cidadania. Além disso, o trabalho limitou-se exclusivamente aos escravos, e a violência se disseminou nessa sociedade das desigualdades e da posse de um homem por outro (SCHWARCZ, 2012, p. 37).

De modo análogo, Munanga (2010) cita o “mito de democracia racial brasileira”, ou seja, a dificuldade que os brasileiros têm em entender e decodificar o racismo no país pelas suas peculiaridades quando comparados ao racismo direto em outros países, como o nazismo na Alemanha e o *apartheid* na África do Sul, dificultando assim uma confissão de que o brasileiro é racista (MUNANGA, 2010). Com isso, “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo” (RIBEIRO, 2019, p. 8).

Além disso, se faz necessário acrescentar a pertinência da utilização do termo “raça” que, para Munanga (2010), não é mais uma realidade biológica, mas sim histórica, política e social. O autor afirma ainda que a maior problemática está na representação da palavra e sua ideologia derivada pois:

Se até o fim do século XIX e início do século XX, o racismo dependeu da racionalidade científica da raça, hoje ele independe dessa variante biológica. Ou seja, o racismo no século XXI se reconstrói com base em outras essencializações notadamente culturais e históricas e até aquelas consideradas politicamente corretas como a etnia, a identidade e a diferença cultural (MUNANGA, 2010, p. 193).

Já no final do século XX, Souza (1990) afirmou que a sociedade definiu negro como “raça” quando transformou o africano em escravo e, dessa forma, demarcou como se deve tratar e ser tratado, e sua posição social inferior. O termo “raça”, para alguns estudiosos como Antônio Sérgio Guimarães, é entendido como uma construção sociológica, sendo “uma crença presente no comportamento humano capaz de distribuir desigualmente vantagens e desvantagens às pessoas em virtude do modelo de classificação racial existente na sociedade” (SILVA; SOARES, 2011, p. 105).

A partir disso, é possível compreender o racismo estrutural que, segundo Silvio Almeida (2018), faz parte de três concepções para o racismo: individualista, institucional e estrutural. O primeiro, é entendido como uma anormalidade, um fenômeno ético ou psicológico de caráter

individual ou até mesmo coletivo, podendo ser, por exemplo, uma atitude de um indivíduo com um problema psicológico ou comportamental, ou ainda algo “irracional”. Dessa forma, a concepção individualista pode apenas admitir a existência de “preconceito” ao invés de “racismo”. O institucional, por sua vez, considera o racismo como resultado do funcionamento das instituições, sendo os conflitos raciais parte delas e, assim, a desigualdade racial se torna uma característica social, não se restringindo a ação isolada de grupos e/ou de indivíduos racistas. Ainda segundo o autor, os padrões racistas por parte da instituição estão de alguma forma vinculados à ordem social, ou seja, o racismo que uma instituição possa vir a expressar é parte de uma estrutura social previamente existente e conseqüentemente racista e, neste pensamento, as instituições passam a ser apenas a concretização de uma estrutura social, sendo racistas porque a sociedade é racista, caracterizando a terceira concepção: o racismo estrutural (ALMEIDA, 2018). Sendo assim:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas (ALMEIDA, 2018, p. 33).

Visando não apenas uma ruptura dessa estrutura, mas também justiça e punição aos que realizam atos de cunho racista, o Brasil sancionou algumas leis desde o fim do período escravocrata. Uma das primeiras, sancionada em 1951, foi a Lei 1.390 que ficou conhecida popularmente como Lei Afonso Arinos, na qual criminalizava a discriminação por raça ou cor (MARINI, 2023). E, atualmente, após atualizações legislativas, deu espaço para algumas leis que estão em vigor, como a Lei 7.716 sancionada em 1989, conhecida como Lei do Racismo, que pune todo tipo de discriminação ou preconceito, seja de origem, raça, sexo, cor, idade; a Lei 12.711/2012 ou Lei de Cotas, que garante a reserva de 50% das vagas das universidades e institutos federais para os autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, além dos critérios socioeconômicos e de escolaridade (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2022); e a Lei 14.532, sancionada em 2023, que equipara a injúria racial ao racismo. Para melhor entendimento, é válido ressaltar que enquanto o racismo é entendido como um crime contra a coletividade, ou seja, quando o agressor atinge um grupo ou coletivo de pessoas, discriminando uma raça de forma geral, a injúria racial é direcionada ao indivíduo, sendo caracterizado quando a honra de uma pessoa específica é ofendida por conta de raça, cor, etnia, religião ou origem (AGÊNCIA SENADO, 2023).

2.2. Representatividade e afroconsumo

Durante o documentário “O Brasil Negro” (1988) da Fundação Padre Anchieta pelo centenário da abolição da escravatura, o publicitário, jornalista e escritor brasileiro Enio Mainardi (1935 - 2020) falou: “Eu, pessoalmente, falando de mim, não botaria um preto nos meus comerciais... Porque eu acho que o preto desvaloriza o produto anunciado”. E, apesar de passados 35 anos desde a obra, quando se trata das representações de pessoas negras na publicidade pouco mudou, visto que pesquisas apontam que o lugar dos corpos negros na

publicidade ainda é um lugar de marginalidade que se manifesta por uma presença numérica não correspondente à realidade (FERNANDES, 2021). Antes, esse ponto de vista foi defendido por Rocha e Casotti (2017) ao afirmar que a pouca representatividade negra em diferentes tipos de comunicação sobre bens e serviços é “indicativa de que o mercado segue destinando atenção e desenvolvendo seus produtos de modo predominantemente para brancos” (ROCHA; CASOTTI, 2017, p. 57).

Corroborando com a ideia desses autores, em uma análise das técnicas fotográficas usadas pela empresa de cosméticos AVON (SANTOS, N.G; SANTOS, M.Z.A.B, 2022), é trazido o exemplo de um encarte de 2012 (Anexo A) que, por mais que exista a presença de uma mulher negra na seção de vendas de uma base compacta, são poucas as variedades de tonalidades e, além disso:

a luz de recorte utilizada na fotografia, somada a maquiagem, dá um tom de luminosidade (branqueamento) a pele da modelo negra, um fator técnico, mas que associado a um padrão que era seguido, nos leva a uma análise não representativa na fotografia do anúncio (SANTOS, N.G; SANTOS, M.Z.A.B, 2022, p. 101).

Porém, na mesma pesquisa, ao observar um encarte da revista de 2021 (Anexo B), foi notado um avanço da empresa nesse aspecto, resultando em um “comprometimento e adequação da marca com as mudanças sociais e o público consumidor” (SANTOS, N.G; SANTOS, M.Z.A.B, 2022, p. 101). Além disso, é possível constatar, em dados, um aumento gradativo na capacidade de consumo dos negros (ROCHA; CASOTTI, 2017) e, também, é percebido que o direcionamento de produtos pensados exclusivamente para o público, tem crescido substancialmente nos últimos anos (DIVINO; BENEVIDES, 2019), sugerindo assim que a associação desse grupo com um consumo financeiramente restrito, apesar de ainda existir, deveria estar perdendo força (ROCHA; CASOTTI, 2017). Por outro lado, Pinheiro, Rosa e Conceição (2019) afirmam que, na indústria de cosméticos, apesar da maquiagem ter sido criada e utilizada a partir das experiências de civilizações antigas africanas, como o antigo Egito, foi projetada no âmbito da cosmetologia industrial e científica para a pele de pessoas brancas, e que:

Isso se deu em virtude de padrões de colonialidade europeus que estabeleceram uma noção de belo brancocêntrica e, atualmente, com a expansão do poder de compra da população negra, essa indústria tem timidamente avançado na direção de atender a demanda desse público esquecido, não que seja agora lembrado por sua estética, mas pela lógica do mercado capitalista que, nos seus processos de produção e circulação de mercadorias, se apropria e se utiliza de nossas lutas para gerar mais valor (PINHEIRO; ROSA; CONCEIÇÃO; 2019, p. 13).

Esse mesmo pensamento veio a ser analisado por Andrade (2020) ao atentar que indicadores socioeconômicos demonstram uma diferença nas condições de vida de brancos e negros, sendo de fácil percepção a desigualdade ainda existente no Brasil e continua:

Como consequência da conjugação de fatores diversos, como o aumento do poder aquisitivo, ampliação do acesso ao ensino superior, conscientização sobre a identidade racial, maior acesso às redes de apoio e força das mídias digitais no contexto atual, o afroconsumidor vem se tornando cada vez mais exigente em suas dinâmicas de consumo, assumindo papel ativo ao transpor para a consciência e, conseqüentemente, para o campo da primeiridade, a exigência de uma sociedade mais representativa que atenda suas

especificidades pulsionais — daí um dos principais motivos de se entender o afroconsumo (ANDRADE, 2020, p. 62).

Em complemento à essa afirmação, Maschio *et al.* (2022) dizem que, com a expansão do poder de compra dos afroconsumidores, a indústria tem avançado, mesmo que timidamente “pela lógica do mercado capitalista que, nos seus processos de produção e circulação de mercadorias, se apropria e se utiliza das lutas contra o racismo para gerar mais valor” (MASCHIO *et al.*, 2022, p. 16). E, ainda segundo os autores, ao realizar uma pesquisa e analisar a percepção de consumidores negros sobre a imagem da marca de maquiagem, concluiu que, além da falta de compromisso das empresas com os afroconsumidores serem verificadas pela oferta restrita ou até inexistentes dos cosméticos e maquiagens das marcas atuantes no Brasil, pontos como a “necessidade de inclusão” e o “combate ao racismo estrutural”, dentre outros, devem ser mais efetivos quando as empresas utilizam e envolvem pessoas não negras em suas campanhas. Ou seja, é notória a dificuldade das pessoas negras nessa indústria, seja na compra de maquiagens com o tom ideal para a pele, ou ainda com o sofrimento de atitudes racistas ao tentarem consumir os produtos.

Ademais, segundo Divino e Benevides:

o afroconsumo possui valores intrínsecos que se relacionam com a valorização da cultura e identidade afro, configurando como resposta de autoafirmação de uma etnia, que até pouco tempo teve suas especificidades ignoradas pelo mercado. Logo é possível inferir que veem nessas ações por meio do Instagram, uma forma de gerar maior visibilidade e aumentar sua representatividade (DIVINO; BENEVIDES, 2019, p. 82).

E, apesar da valorização da cultura e identidade afro dos consumidores em questão, a constante estrutura eurocêntrica de beleza impulsiona comportamentos destes em busca de uma adaptação social, como por exemplo no uso de aparelhos dentais para apagar o diastema (espaçamento dos dentes encontrado, geralmente, na parte frontal e superior da arcada) mesmo que, em algumas sociedades africanas como na Nigéria, seja uma característica de beleza; ou ainda quando pessoas recorrem às cirurgias de rinoplastia como forma de negar seus traços negróides, ressignificando suas condições biológicas a partir de um discurso brancoide (ANDRADE, 2020). Dessa forma, pessoas de ascendência africana não se encaixam e “nunca se encaixarão por questões fisicamente impossíveis. Provocando, assim, mal-estares entre os corpos simbólicos, imaginários e reais no processo de identificação” (ANDRADE, 2020, p. 64).

Ainda segundo o mesmo autor, a manutenção dessa invisibilidade mercadológica, acarreta perdas financeiras, sendo prejudicial à sociedade e os modelos atuais vigentes são contaminados pela “lógica colonialista e não atendem às demandas pulsionais da população afrodescendente” (ANDRADE, 2020, p. 74). Além disso, ele acrescenta que, do ponto de vista psíquico, “esses grupos tiveram que se reorganizar a partir de subjetividades africanas em um contexto eurocêntrico, o que, provavelmente, teve desdobramentos na saúde mental desses indivíduos” (ANDRADE, 2020, p. 74). Sendo assim, não se pode estudar o consumo dos afrodescendentes, ou ainda dos não brancos de modo geral, com o olhar de colonizador, necessitando revisitar e repensar, a partir das premissas do afroconsumo, modelos inclusivos. E finaliza: “o Brasil é um sujeito em estado de negação, produz um *eu* ideal eurocêntrico e anula o *eu* verdadeiro, que é africano, quando não, ameríndio” (ANDRADE, 2020, p. 75).

Corroborando com os pensamentos apresentados, Silva *et al.* (2020) com base em dados de sua pesquisa sobre o mercado para cabelos naturais, comprovou que os clientes demonstraram interesse por uma experiência completa de identificação, como propagandas, posicionamentos e até a aparência dos funcionários (com cabelos crespos e cacheados) e, sendo assim, os salões devem carregar em seu discurso e prática, questões culturais, identitárias e

sociais, pois assim podem gerar um forte sentimento de pertença em seus clientes, se tornando um diferencial no mercado. Além disso, foi mostrado que falar de cabelo toca em fortes sentimentos de pessoas que carregam histórias, memórias e sonhos que almejam ser representados pelas empresas e marcas com as quais se relacionam. E, dessa forma, para os clientes que se identificam com as lutas antirracistas, o cabelo se torna, sobretudo, uma marca simbólica da identidade e do enfrentamento de problemas raciais, o que leva a empresa a ter, entre outras, a responsabilidade de promover a sensibilização acerca das problemáticas envolvidas nesse debate público, superando o discurso meramente mercadológico e oportunista (SILVA *et al.*, 2020).

2.3. Tatuagem

A etimologia da palavra “tatuagem”, segundo Netto (2011), deriva da onomatopeia “tau-tau”, ou “taw-taw” como encontrada nos escritos do diário de viagem de James Cook – navegador e explorador inglês responsável pelos primeiros contatos europeus com a costa leste da Austrália e Havaí – ao se referir ao som produzido pelos instrumentos que aplicavam o pigmento na pele dos povos maori. O material semelhante a um ancinho, de acordo com o autor, teria dentes ou ossos de animais cravados na ponta, na qual se utilizava um pedaço de madeira para bater na parte de cima dessa ferramenta de tal forma que os dentes penetrassem na pele e alojassem o pigmento preto sob ela. Segundo Marques (1997, p. 42), “repetidos golpes do martelo no topo do ancinho produziam o tatau que os nativos usavam para designar a ação. A raiz da palavra, ta, significa golpear, bater”. A partir deste ponto, teria sido gerada a palavra “tattoo” em inglês, e em diversas outras línguas, como *tatouage* em francês e tatuagem em português. Dessa forma, o autor acrescenta ainda que Cook faz parte de um “mito fundador” da tatuagem moderna, não apenas pelas diversas referências que se faz a ele, mas por ter eternizado a palavra em seus relatos sobre os povos da Oceania (NETTO, 2011).

Vale dizer também que, quase todos os povos, desde os tempos mais remotos, já possuíam formas de modificar o seu corpo, seja por motivos religiosos, estéticos ou ainda por tradições e costumes da própria cultura, sendo, a mais antiga, uma tatuagem encontrada no “homem de gelo” que remonta ao ano 2500 a.C. (GÓMEZ, 2021). Ou seja, de maneira comparativa, assim como nos foi ensinado que Pedro Álvares Cabral “descobriu” o Brasil, nessa mesma linha de raciocínio podemos dizer que o capitão James Cook foi o descobridor das tatuagens (NETTO, 2011). E, apesar da descoberta, ao pensar no surgimento desta prática, Marques afirma:

Das duas, uma: a tatuagem nasceu uma única vez e se espalhou pelo mundo ou nasceu mais de uma vez, filha de muitos pais, em todos os continentes. [...] Em outras palavras, ela foi inventada várias vezes, em diferentes momentos e partes da Terra, em todos os continentes, com maior ou menor variação de propósitos, técnicas e resultados (MARQUES, 1997, p. 13).

Ainda segundo Marques (1997), definir com precisão quando a tatuagem teve início no Brasil é um empreendimento custoso e afirma ainda que sua presença é anterior à invasão portuguesa de 1500, uma vez que eram realizadas, por diversos grupos indígenas como os Tupinambás, incisões na pele inserindo substâncias corantes. E, posteriormente, homens e mulheres trazidos da África para serem escravizados também apresentavam modificações corporais, porém, ao que parece, tratava-se da escarificação, laceração da pele, sem a inserção de pigmentos, de modo a esculpir, propositadamente, uma cicatriz em relevo (MARQUES, 1997).

Mas, quando se trata da tatuagem ocidentalizada, ou seja, a realizada em contextos predominantemente urbanos, restabelecida na cultura europeia a partir das navegações do século XVIII, como a de James Cook, a história da tatuagem no Brasil pode ser dividida em três fases, segundo Souza (2020):

QUADRO 1 – Sistematização dos Períodos e Fases da Tatuagem no Brasil

| Período | Status do Tatuador | Espaços de Tatuam |
|----------------|---------------------------|--------------------------|
| Até 1960 | Ambulante | Espaços Comuns |
| 1960 - 1980 | Artesão | Ateliês |
| 1980 - atual | Profissional | Estúdio Moderno |

Fonte: Adaptado pela autora com base em Souza (2020).

Ou seja, até 1960 tem-se a fase ambulante, que foi definida pelo caráter itinerante, incipiente e improvisado. Nessa época, segundo uma coletânea de crônicas escritas entre 1904 e 1907, os tatuadores utilizavam de fuligem — substância preta e gordurosa obtida através da queima de combustíveis, como o carvão —, graxa, pólvora e anil para a composição da tinta e tinham várias maneiras de tatuar:

por picadas, incisão, por queimadura subepidérmica. As conhecidas entre nós são incisivas nos negros que trouxeram a tradição da África e, principalmente, as por picadas que se fazem com três agulhas amarradas e embebidas em graxa, tinta, anil ou fuligem, pólvora, acompanhando o desenho prévio (RIO, 1997, p. 19 *apud* SOUZA, 2020, p. 21).

Souza (2020) acrescenta ainda que, nessa fase, a tatuagem era praticada pelo uso de quatro técnicas: tunelamento, incisões, *puncturas* e incisões ou técnica mista, sendo *pucuntura* a mais comum. Os materiais específicos para a tatuagem apareceram timidamente a partir da década de 1960, com a chegada da fase artesanal, tendo como elemento central no marco cronológico dessa mudança dos ambulantes para os artesãos, a utilização da máquina elétrica de tatuar no país, resultado de um longo processo de aperfeiçoamento tecnológico e científico realizado no século XIX. A partir daí, foram provocadas diversas mudanças no ofício, evocando saberes técnicos que envolveram tanto a utilização quanto a fabricação e manutenção desse equipamento nos ateliês de tatuagem — espaços que são frutos da sedentarização da prática, uma vez que esta passou a exigir locais com disponibilidade de energia elétrica. Dessa forma, é correto pensar como artesãos aqueles que:

na transição entre o improvisado característico da realização das tatuagens na primeira metade do século e o profissionalismo presente na prática a partir de 1980, utilizaram-se de conhecimentos provenientes de vivências plurais anteriores para dar início à elaboração de algo mais ou menos reconhecível como um campo da tatuagem (SOUZA, 2020, p. 81).

Por fim, a partir de 1980 se deu início a fase profissional, caracterizada pelo investimento na construção de um campo legítimo da tatuagem, reconhecido institucionalmente. Ou seja, se na fase artesanal os tatuadores tiveram que se reinventar para elaborar pigmentos, construir máquinas e adaptar agulhas, na fase atual, há uma indústria

voltada exclusivamente para este mercado (SOUZA, 2020). Além disso, com base numa pesquisa do mesmo autor sobre a tatuagem no Ceará, por exemplo, tem-se que:

Assim, a luta dos tatuadores por profissionalismo esteve diretamente ligada à regulamentação da prática e a institucionalização do espaço dos estúdios de tatuagem, que permitiram dissociar o âmbito da vida privada do período artesanal com a dimensão de trabalho estabelecido. [...] assim como a tentativa de desvinculação da imagem do tatuador com aqueles ambientes informais, refletido na concepção popular do tatuador como uma figura anárquica, que tatuava por diversão, em um ambiente infecto e sob estímulos de álcool e drogas, substituído pela imagem do profissional reconhecido pelo seu trabalho (FERREIRA, 2012, p. 111 *apud* SOUZA, 2020, p. 90).

Porém, apesar de toda a industrialização, institucionalmente, a prática da tatuagem no Brasil ainda não é reconhecida como uma profissão, havendo, por parte do Estado, a regulação de dois aspectos: “da circulação dos materiais industrializados no âmbito da homologação de determinadas marcas” (SOUZA, 2020, p. 100) e dos espaços de produção da tatuagem, que, ao longo do tempo, foram submetidos ao controle institucional por meio de diversos processos de autorização e fiscalização estatal no âmbito sanitário e fiscal como por exemplo a fiscalização da vigilância sanitária em estabelecimentos que realizem aplicação de tatuagens e adornos (*piercings*), sediados no município de Recife, com base na Norma Técnica Especial nº 001/2003 com o decreto nº 20.165 de 28 de Novembro de 2003 (RECIFE, 2003; SOUZA, 2020). E, além disso, existe a possibilidade do profissional se formalizar como MEI pelo CNAE: 9609-2/06 (SEBRAE, [s.d.]).

Assim como o avanço exposto acima, houve também uma transformação na natureza e finalidade do ato de se tatuar, sugerindo mudanças nos valores da tatuagem no cenário contemporâneo, tendo motivações desde formas de auto expressão até homenagens, manifestação de arte, grupos de pertencimento etc. (SCHLÖSSER *et al.*, 2020). Este processo se passou, inicialmente, pelas pessoas que se tatuaram entre as décadas de 1960 a 1990, de acordo com pesquisa realizada por Schlösser *et al.* (2020) que complementa:

A autopercepção e posse de si serve de justificativa para tatuar-se. Este corpo, simultaneamente social e individual, traz a tona RS³ do corpo e da beleza, em que a imagem corporal é sinônimo de aceitação, indicando que a tatuagem tem sido relegada a este nível de evidência na contemporaneidade (SCHLÖSSER *et al.*, 2020, p. 75).

Antes disso, Schlösser (2018, p. 158) afirmou que as representações identitárias “passam a se manifestar, através de motivações próprias das experiências individuais, influenciando assim tanto na autopercepção quanto nas relações interpessoais”. E que, de forma mais macro em sua pesquisa, foi possível:

identificar a gradativa alteração estereotípica da tatuagem na sociedade. A influência da mídia, através da associação do uso da tatuagem com indivíduos esteticamente atraentes, bem como com o desenvolvimento de tatuagens artísticas (diferentes das tatuagens realizadas em presídios, por exemplo), profissionalização de tatuadores e cuidados em saúde nos estúdios de tatuagem, influenciou diretamente na disseminação de sua prática no contexto brasileiro (SCHLÖSSER, 2018, p. 158).

³Representações Sociais (SCHLÖSSER, 2020, p. 64).

Em comparação, quando se trata das tatuagens nas comunidades tradicionais como os povos indígenas, a prática é realizada de maneira ritualizada, conduzida por agentes especializados, como os pajés, por exemplo, sendo mediadores entre o mundo real e o espiritual, na qual o tatuado é posto em um lugar de vulnerabilidade e entrega (GÓMEZ, 2021; SILVA, 2013).

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa, cujo objetivo geral é analisar a relação entre a baixa representatividade das tatuagens em peles não brancas no Brasil e o racismo estrutural, configura-se como exploratória pois procura “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses a serem testadas em estudos posteriores” (GIL, 2019, p. 25) e, também, de caráter descritivo, visto que, com base no mesmo autor (2019, p. 25) a pesquisa descritiva tem como principal objetivo a “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Dessa forma, tornou-se necessário conhecer mais sobre o racismo estrutural no Brasil, profissionais e clientes da indústria da tatuagem.

A pesquisa é de natureza aplicada ou empírica (RICHARDSON, 2017), pois se interessa pelas consequências práticas, ou seja, aplicação dos conhecimentos adquiridos e, quanto à sua abordagem, tem-se a de métodos mistos, na qual combinam-se elementos de pesquisa qualitativa e quantitativa com o objetivo de ampliar e aprofundar o entendimento e confirmação dos resultados, tendo delineamento transformativo (GIL, 2019), ou seja, crítico e subordinado à uma perspectiva ideológica, sendo capaz de “identificar os desequilíbrios de poder e a capacitação de indivíduos e comunidades e promover causas de justiça social” (GIL, 2019, p. 67).

Dessa forma, na fase qualitativa, a pesquisa terá enfoque interpretativista, no qual é defendido que “o mundo e a sociedade devem ser entendidos segundo a perspectiva daqueles que o vivenciam, o que implica considerar que o objeto de pesquisa é construído socialmente” (GIL, 2019, p. 62). E, assim, a coleta de dados, nesta etapa, ocorreu por meio de entrevistas com tatuadores, sendo considerada por Gil (2019) uma das técnicas mais importantes para a coleta de dados em pesquisas sociais e que, por sua flexibilidade, “é adotada como técnica fundamental de investigação nos mais diversos campos” (GIL, 2019, p. 125).

Portanto, foram entrevistados 12 tatuadores pela plataforma do *Google Meet*, tendo como média 17 min de conversa e 12 questões debatidas (Apêndice A). Objetivando uma maior diversidade entre os profissionais entrevistados, estabelecemos alguns critérios para escolha, como gênero, etnia, técnicas e estilos de tatuagem, assim como a percepção da participação de peles brancas e não brancas no portfólio e edição de imagem. Assim, se fez possível realizar uma análise com diferentes pontos de vista acerca do mesmo assunto. As respostas foram transcritas tal como expressas pelos entrevistados, inclusive mantendo-se erros gramaticais. Após esta fase, foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

Já a coleta de dados quantitativos aconteceu por meio da aplicação de um questionário (Apêndice B) que teve como base as variáveis abordada na literatura consultada, pois, segundo Gil (2019), a técnica é fundamental para a coleta de dados e tem como propósito obter informações sobre conhecimentos, comportamentos, interesses e até sentimentos e, ao utilizar o questionário, é possível garantir o anonimato nas respostas dos participantes além de permitir que as respostas não sofram influência do pesquisador e, também, ter a possibilidade de ser respondido por pessoas de diferentes localidades em sua formatação *online*. Dessa forma, é possível coletar informações sobre as atitudes ou opiniões de um grupo, sendo nesse caso os tatuadores e clientes, e relacioná-las com um assunto específico, ou seja, com o racismo

estrutural (RICHARDSON, 2017). Além disso, a base de medição será pela Escala Likert, que é composta por um conjunto de frases, ou itens, a cada qual a pessoa deve expressar seu grau de concordância, selecionando uma das quatro opções, número recomendável para evitar o valor médio, que variam de totalmente de acordo (1), de acordo (2), discordo (3) e discordo totalmente (4) (RICHARDSON, 2017).

Dessa forma, visando atender aos objetivos específicos deste estudo, o questionário da coleta quantitativa foi aplicado pelo *Google Forms*, que contou com 6 perguntas sobre o perfil demográfico, 13 questões fechadas obrigatórias e uma aberta opcional, o qual foi compartilhado nas redes sociais com o objetivo de atingir clientes não brancos da tatuagem, a partir do dia 27 de março de 2023 e, após uma semana, obteve-se uma amostra de 1005 respondentes válidos. Em sequência, com o auxílio de uma planilha eletrônica para as questões fechadas, os resultados foram analisados estatisticamente, por meio de distribuição de frequência e cruzamentos das respostas pelo perfil, os quais estão dispostos na seção de resultados. E, as respostas da questão aberta opcional, foram transcritas seguindo a mesma técnica utilizada para os dados qualitativos.

4. RESULTADO E DISCUSSÕES

A seção de Resultados e Discussões é composta por quatro seções. A primeira será dedicada ao perfil dos participantes da pesquisa quantitativa e qualitativa, respectivamente. Por conseguinte, será abordado o tema da representatividade, na qual será levantado os dados do questionário quantitativo tendo em paralelo algumas falas dos entrevistados. Após isso, mas seguindo com a mesma estrutura, será debatido o tema do afroconsumo. Por fim, teremos a temática da produção da tatuagem, a qual será focada nos dados qualitativos.

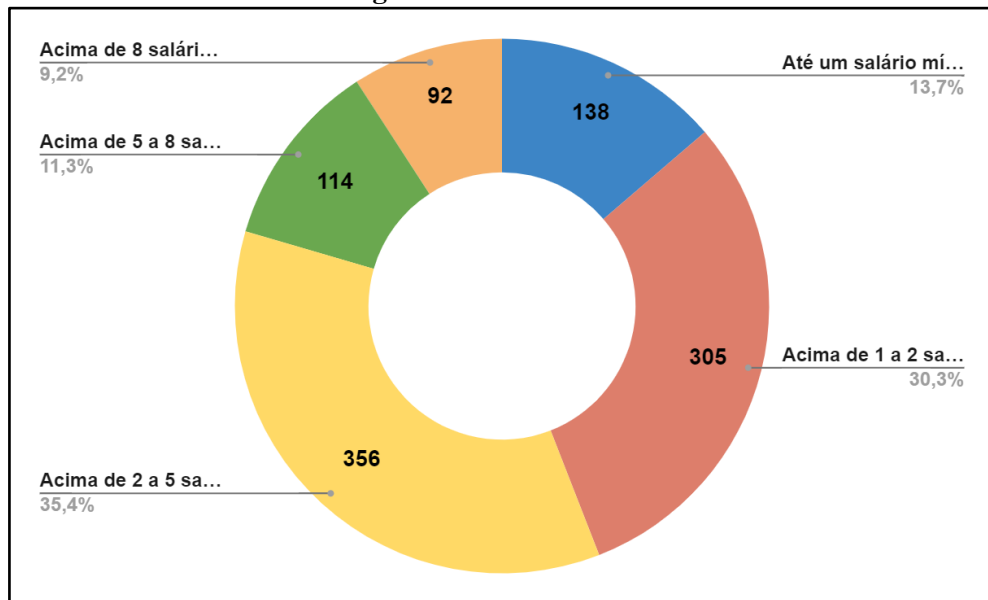
4.1. Perfil dos participantes

Com a aplicação do questionário quantitativo, obtivemos 1030 respostas, na qual 25 foram descartadas por serem de pessoas autodeclaradas brancas, resultando em 1005 respostas válidas. Dessas, 57,7% (n=580) se autodeclararam pretos (as), 39,8% (n=400) pardos (as), 1,5% (n=15) indígenas, 0,6% (n=6) amarelos (as) e 0,4% (n=4) responderam como “outros”, na qual se autodeclararam como: “mestiça”, “descendente de árabe”, “negra” e “não branca”. Sendo assim, a participação desta pesquisa foi majoritariamente de pessoas negras (pretos e pardos).

Quanto ao local de residência, 42,2% (n=424) foram respondentes de Pernambuco, 15,4% (n=155) de São Paulo, 12,7% (n=128) do Rio de Janeiro, 6,5% (n=65) de Minas Gerais e os outros 23,2% (n=233) espalhados pelos demais estados do Brasil, com exceção de Roraima, sendo, portanto, o único estado que não teve respondentes.

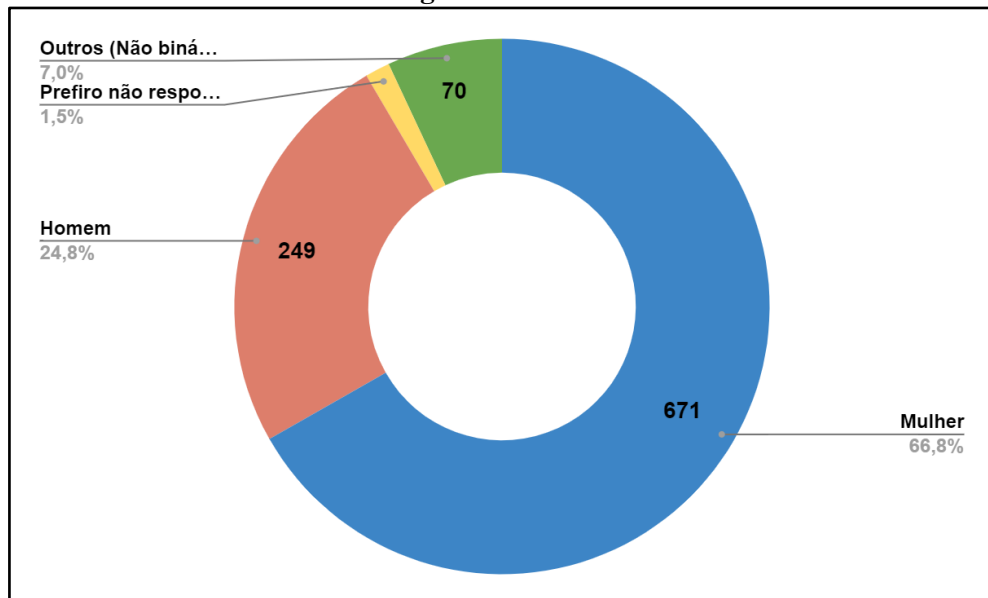
E, em relação à faixa etária, a maior participação foi de jovens adultos, com idade entre 23 e 27 anos (41,7%, n=419), mulheres (66,8%, n=671) e de renda familiar acima de 2 e até 5 salários mínimos (35,4%, n=356), como é possível perceber nas Figuras 1, 2 e 3:

Figura 1 - Renda Familiar



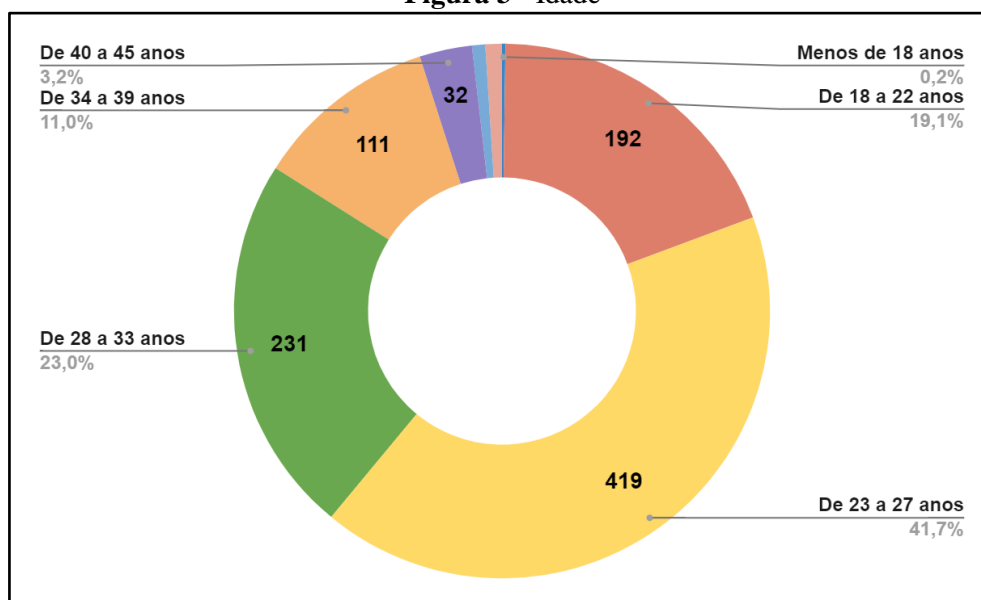
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Figura 2 - Gênero



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Figura 3 - Idade



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Por fim, é válido dizer que na análise dos dados de maneira cruzada, não houve diferença no padrão das respostas. Ou seja, analisando os resultados por gênero, idade, renda familiar, autodeclaração racial etc. de modo isolado, não obtivemos dados contrastantes do resultado total da pesquisa. Na etapa qualitativa, foram contatados 20 tatuadores para as pesquisas, tendo como critérios a diversificação de gênero e etnia, trabalhos expostos com e sem edição de imagem perceptível e estilos distintos. Destes tatuadores, um não compareceu, dois recusaram, dois não responderam e três não dispuseram de horários coincidentes, resultando em 12 participações nas entrevistas, com o seguinte perfil disposto no Quadro 2:

QUADRO 2 - Tatuadores entrevistados

| Entrevistado | Gênero | Etnia | Lugar | Idade | Tempo de atuação | Portfólio* | % | Edição* |
|--------------|--------|----------|----------------|-------|------------------|------------|------------------|---------|
| 1 | Homem | Negro | Recife | 25 | 3 anos e 4 meses | Diversa | 30% | Média |
| 2 | Homem | Negro | Recife | 26 | 2 anos e meio | Não branca | 95% (60% pardos) | Baixa |
| 3 | Mulher | Negra | Curitiba | 28 | 7 anos | Branca | 5% | Baixa |
| 4 | Mulher | Indígena | Rio de Janeiro | 33 | 10 anos | Não branca | Quase 100% | Baixa |
| 5 | Homem | Branco | Recife | 34 | 7 anos | Branca | 8% a 10% | Alta |
| 6 | Homem | Negro | Rio de | 37 | 15 anos | Diversa | 30% | Baixa |

| | | | | | | | | |
|----|--------|--------|-----------|----|---------------|------------|-----------|-------|
| | | | Janeiro | | | | | |
| 7 | Mulher | Branca | Recife/SP | 27 | 2 anos e meio | Branca | 20% | Baixa |
| 8 | Mulher | Branca | Recife | 28 | Quase 3 anos | Branca | Não sabe | Alta |
| 9 | Homem | Negro | Recife | 26 | 5 anos | Diversa | 70% a 75% | Baixa |
| 10 | Mulher | Negra | Recife | 22 | 2 anos | Não branca | 75% | Baixa |
| 11 | Homem | Negro | Recife | 32 | 7 anos | Diversa | 60% | Baixa |
| 12 | Mulher | Negra | São Paulo | 30 | 4 anos | Não branca | 80% | Baixa |

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

É importante ressaltar que, nos quadros apresentados, as classificações com asterisco (*) são com base na nossa percepção com observações externas, como participação do portfólio e edição das imagens nas redes sociais (Anexo C), assim como a percepção da etnia no Quadro 3, uma vez que o tatuador não compareceu à entrevista, não sendo, portanto, uma autodeclaração. Porém, no Quadro 2, o “%” refere-se à porcentagem de peles não brancas dentre os clientes do entrevistado, com informações fornecidas por eles.

QUADRO 3 - Tatuadores não entrevistados

| Tatuador | Gênero* | Etnia* | Lugar* | Portfólio* | Edição* | Motivo da não participação |
|----------|---------|----------|-----------|------------|---------|----------------------------|
| 1 | Mulher | Branca | Recife | Branca | Baixa | Recusou |
| 2 | Homem | Branco | Recife | Branca | Alta | Não compareceu |
| 3 | Mulher | Branca | São Paulo | Branca | Alta | Recusou |
| 4 | Homem | Branco | Recife | Branca | Alta | Não coincidiu |
| 5 | Mulher | Branca | Recife | Diversa | Baixa | Não coincidiu |
| 6 | Homem | Branco | Recife | Diversa | Média | Não coincidiu |
| 7 | Mulher | Indígena | São Paulo | Diversa | Baixa | Não respondeu |
| 8 | Homem | Branco | Guarulhos | Branca | Média | Não respondeu |

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

4.2. Representatividade

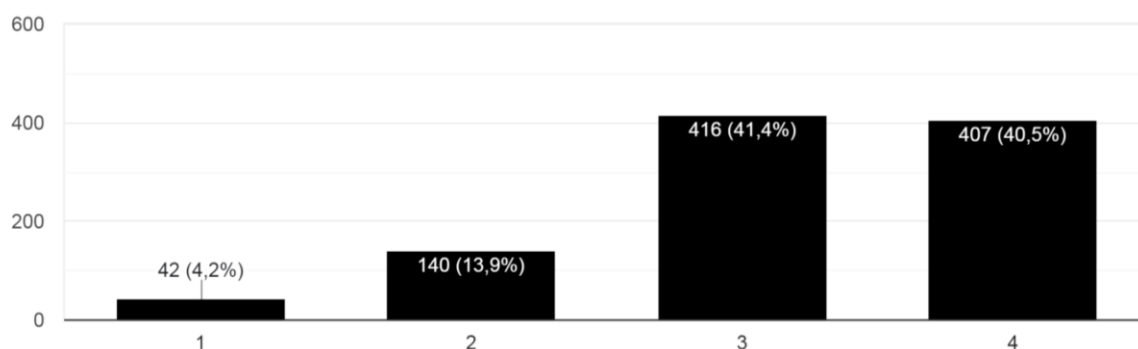
Após o perfil demográfico, demos início ao questionário que teve como base de medição a Escala Likert, na qual o respondente afirma: Concordo Totalmente (1), Concordo (2), Discordo (3) e Discordo Totalmente (4) em relação às afirmações apresentadas (RICHARDSON, 2017). Dessa forma, a maioria dos respondentes afirmou que não se sente

representado nos portfólios da maioria dos tatuadores (Figura 4) e que sente dificuldades em encontrar profissionais que tatuam em pele retinta, pois a maioria dos perfis de tatuadores, mostram mais tatuagens em pele branca em seus portfólios (Figura 5).

Figura 4 - Representação no portfólio

1. "Eu me sinto representado(a) nos portfólios da maioria dos tatuadores"

1.005 respostas

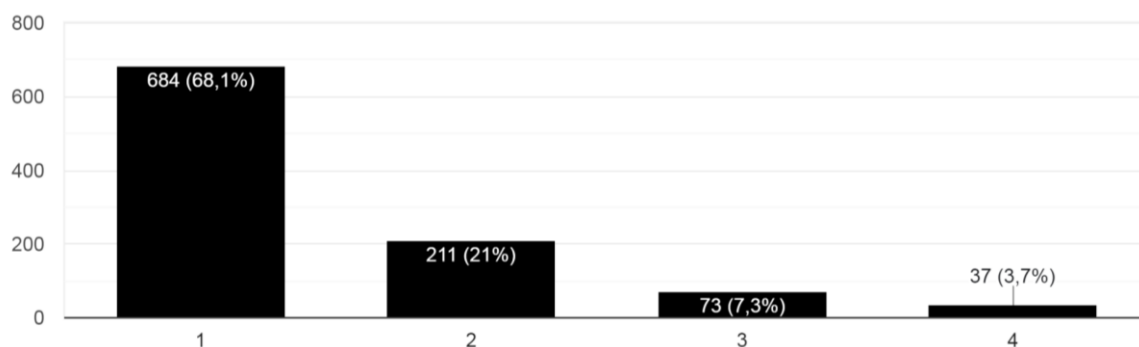


Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Figura 5 - Dificuldade em encontrar profissionais que tatuam em pele retinta

4. "Sinto dificuldade em encontrar profissionais que tatuam em pele retinta, pois a maioria dos perfis de tatuadores, mostram mais tatuagens em pele branca"

1.005 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Além disso, a maioria dos respondentes já testemunhou tatuadores buscando por “pele branca” para estudo, portfólio ou competições (Figura 6), o que mostra uma preferência destes tatuadores, como no relato da Respondente 956,

Um tatuador estava buscando por peles para estudo, uma das artes dele me interessou bastante. Quando entrei em contato, o mesmo não respondeu. Vi pouco depois stories anunciando novamente a procura por peles para estudo, destacando que queria peles brancas (ele usou o termo brancas/claras) apenas. Alguns amigos meus tatuam com ele direto e são pessoas não brancas, são amigos do tatuador e tudo, mas não vejo no perfil dele essa diversidade de peles (Respondente 956).

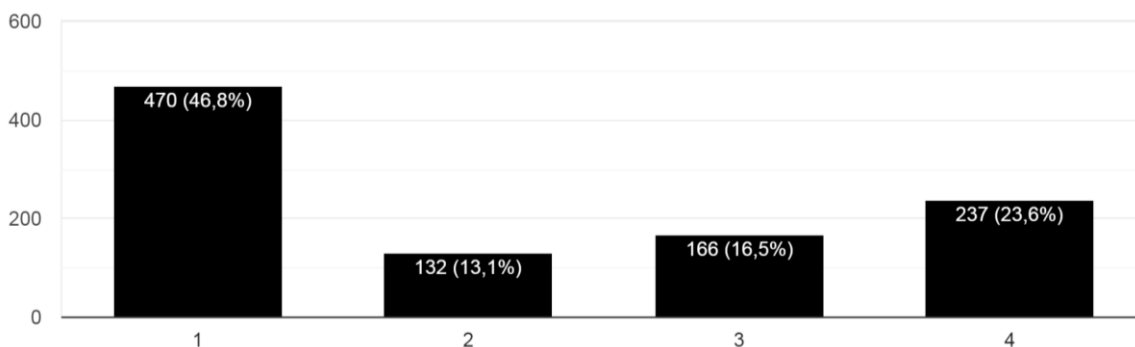
Essa preferência, porém, também reforça uma estrutura indicada por alguns tatuadores entrevistados, como o Entrevistado 2, ao afirmar que a construção dos profissionais é pautada

em pele branca, como nos *workshops* e aulas, por exemplo. Ou seja, se tornam tatuadores com conhecimento para tatuar apenas em pele branca, assim como a Entrevistada 3 afirmou que precisa se adaptar e estudar para aprender a fazer um contraste maior no desenho a ser tatuado e, dessa forma, ter um melhor resultado em peles mais retintas, pois seria mais perceptível a diferença do tom da pele e da tinta.

Figura 6 - Tatuadores buscando por “pele branca”

7. “Já testemunhei tatuadores buscando por “pele branca” para estudo, portfólio ou competições”

1.005 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Dessa forma, assim como é notória a dificuldade das pessoas negras na indústria de cosméticos (MASCHIO *et al.*, 2022), é perceptível que o mesmo acontece com a indústria da tatuagem, como, por exemplo, quando tatuadores não postam seus trabalhos em pele negra em seus portfólios

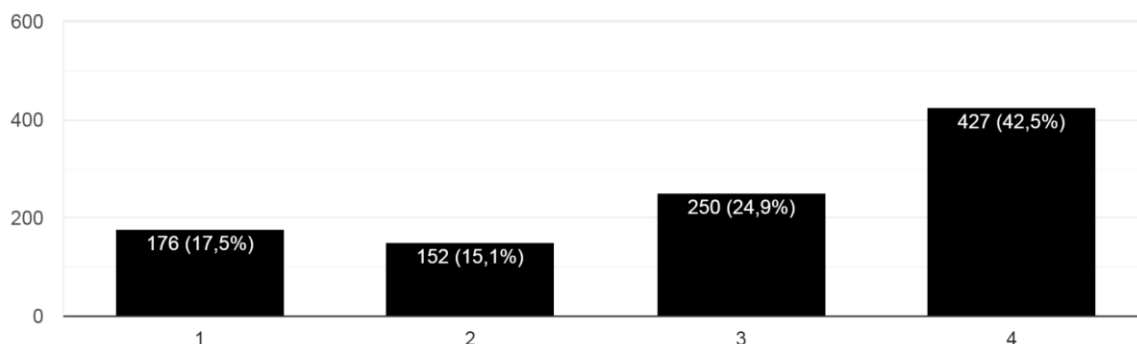
Tenho uma tatuagem nas costas feita por um excelente profissional de Recife. A arte é linda, bem executada e gosto dela demais, mas NUNCA foi pro feed do tatuador. Na realidade nenhuma das minhas tatuagens foram para o feed dos tatuadores, mas essa aí me quebra muito (Respondente 52).

Assim como o relato do Respondente 190: “Tatuei com um tatuador e ele não quis postar a tattoo por ser em pele negra. (Ele postava todas as artes que fazia antes da minha)”, ou ainda por episódios de racismo e injúria racial que foram sofridos nessa indústria que, apesar dos resultados mostrarem uma baixa parcela de concordantes (Figura 7), eles existem, o que corrobora com a afirmação de que o racismo no Brasil não é explícito como no regime nazista, por exemplo, mas é racista (RIBEIRO, 2019) e seu racismo é estrutural, no qual comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção, na qual as pessoas são racistas porque a sociedade é racista (ALMEIDA, 2018).

Figura 7 - Episódio de Racismo ou Injúria Racial

8. “Já sofri, ou conheci alguém que sofreu, episódio de racismo ou injúria racial na indústria da tatuagem”

1.005 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

E, seguindo com o pensamento, a maior parte dos respondentes concordaram que a maioria dos tatuadores, ao postarem fotos de tatuagens em peles não brancas, modificam a foto com edição, como a luminosidade, contraste e utilização de filtros em preto e branco por exemplo (Figura 8). Atitudes como estas, assim como as apontadas na análise realizada da empresa de cosméticos AVON, dão um tom de luminosidade (branqueamento) da pele negra e, mesmo que para alguns, como o Entrevistado 5, seja um fator publicitário, na qual se trata a imagem para uma boa apresentação do trabalho, uma vez que “as pessoas precisam olhar e se impressionar, então como quero valorizar a tatuagem, eu preciso às vezes melhorar um pouco a questão de saturação” (Entrevistado 5), mas que associado a um padrão, é levado a uma análise da não representação (SANTOS, N.G; SANTOS, M.Z.A.B, 2022, p. 101). Além disso pesquisas anteriores apontaram que, na publicidade, os corpos negros ainda se manifestam por uma baixa presença numérica, o que não corresponde à realidade (FERNANDES, 2021). Esse sentimento foi compartilhado pelo Respondente 305,

Um tatuador famoso de BH uma vez foi acusado de não ter pessoas negras tatuadas no feed e lembro até hoje que ele fez uma sequência de stories comparando as fotos das peles não brancas que ele já tatuou com as mesmas fotos só que editadas para ficarem mais claras. E no final falou que era só pela *aesthetic* do perfil dele e que ele não tinha nada contra (Respondente 305).

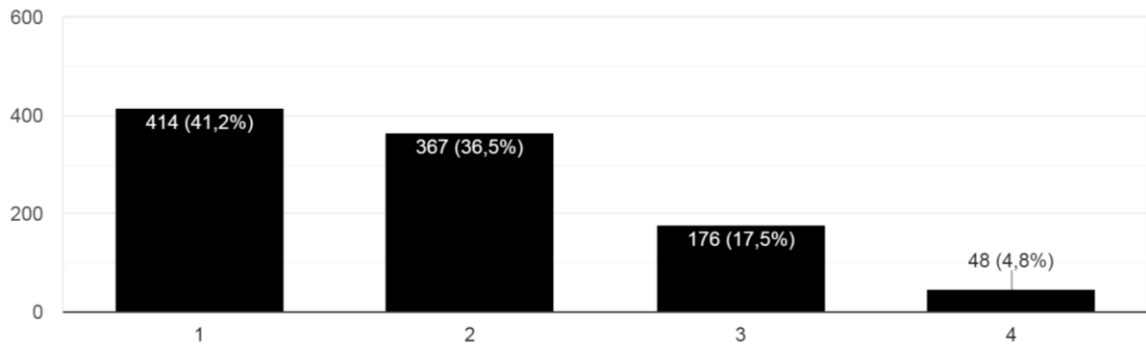
Esse costume de apresentação na indústria é criticado por alguns tatuadores, como o Entrevistado 2, pois alega uma falsificação do resultado final da tatuagem na pele, assim como a utilização de lente polarizada e refletores porque modifica a saturação e, em peles mais retintas, o tom da pele também sofre alteração, resultando em uma pele mais avermelhada ou amarelada, além de deixar a tatuagem mais escura. Alguns respondentes do questionário também se mostraram contra esse costume, como a Respondente 45: “Acho um absurdo postar portfólio com imagens editadas para ficar esteticamente melhor, mudando o fundo quase branco” e a Respondente 99:

Me tatuei com uma pessoa e ela pediu foto pro portfólio, quando vi a foto postada a pessoa tinha editado taanto que não me reconheci, tenho pele clara mas a foto parecia que era um desenho no papel ofício. Na hora mandei uma que tirei em casa pra substituir, mas só há uma explicação pra essa situação (Respondente 99).

Figura 8 - Edição de imagens

9. “É possível notar que a maioria dos tatuadores, ao postarem fotos de tatuagens em pele não branca, modificam muito a foto com edição (luminosidade, contraste, preto e branco etc.)”

1.005 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Além disso, quando se trata de desenhos de rostos e corpos, a maior parte dos respondentes concordaram que os tatuadores seguem, em maioria, um padrão estético de pessoas brancas, como a largura do nariz, tamanho da boca etc. (Figura 9), como no relato da Respondente 362

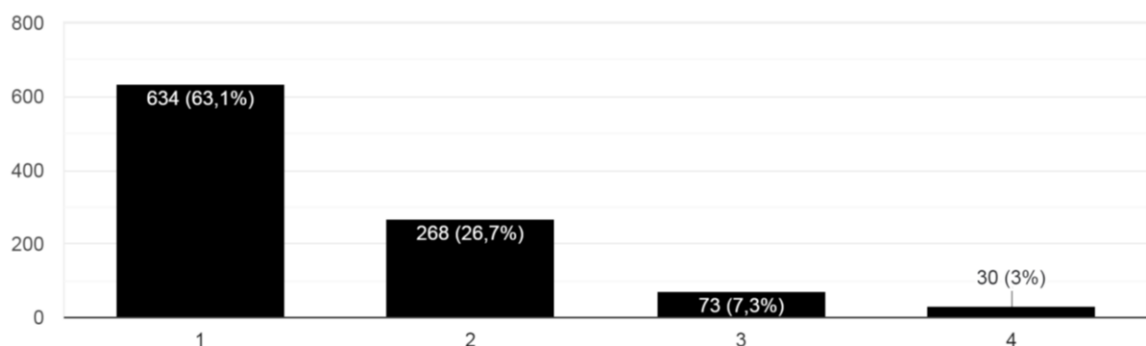
No meu braço esquerdo tenho uma tatuagem de Yemanjá, fora do padrão estético eurocêntrico. Foi difícil escolher o tatuador (gostaria de ter sido com uma mulher), mas não encontrei e mais, é incrível como a imagem causa espanto nas pessoas, por ser uma imagem real, de uma mulher negra real (Respondente 362).

Assim como o Respondente 785: “Muitas pessoas tem em sua pele tatuagem de mulheres indígenas, porém, a verdade é que essas tatuagens são imagens de mulheres brancas utilizando cocar”. Dessa forma, se torna nítido o mesmo padrão citado anteriormente, em que a indústria é voltada para tatuagem em peles brancas, na qual os modelos atuais vigentes são contaminados pela “lógica colonialista e não atendem às demandas pulsionais da população afrodescendente” (ANDRADE, 2020, p. 74), ou ainda da população não branca de modo geral.

Figura 9 - Padrão de desenhos

10. “Quando se trata de desenhos de rostos e corpos tatuados, a maioria segue um padrão estético de pessoas brancas (largura do nariz, tamanho da boca etc.)”

1.005 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

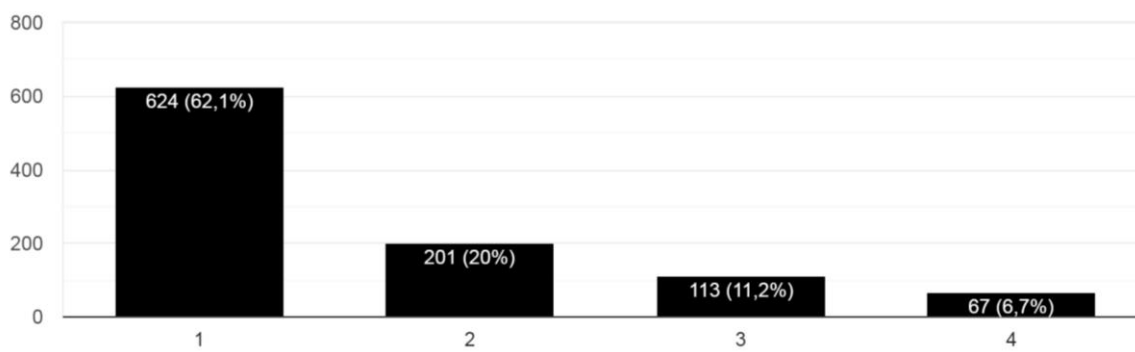
Com isso, é possível entender o porquê da maior parte dos respondentes afirmar que já sentiram que uma tatuagem não iria ficar bem na sua pele por não "pertencer" àquelas representadas (Figura 10), como o relato da Respondente 231: "Já considerei fazer uma tatuagem. Desisti justamente por não ver segurança na execução em pele negra. Da visibilidade à cicatrização. Acabei desistindo" e do Respondente 656: "Por muito tempo tive medo/receio de me tatuar por achar que talvez não ficasse bom no meu tom de pele. E também por receio de ser mal visto, por ser um preto tatuado".

Essa problemática também foi citada pelo Entrevistado 2 ao afirmar que pessoas negras sofrem preconceito simplesmente por serem negras, que pessoas brancas tatuadas podem sofrer preconceito por serem tatuadas, mas que um negro tatuado sofre um preconceito maior e sua luta na tatuagem tem isso como base, pensamento que o levou ao seu estilo de trabalho, que ainda está em desenvolvimento, mas que, pra ele também é um estilo de vida: o "afrofuturismo", no qual busca a realidade em que "o corpo preto, que já é um corpo extremamente marginalizado, ele ser um corpo tatuado e, por ser um corpo tatuado e coexistir em um universo onde ele não seja julgado pelas suas tatuagens ou pelo seu corpo preto que, em si, é uma sobreposição de opressão", ou seja, um universo "em que pessoas pretas consigam conviver com suas tatuagens sem ser minorizadas, [...] pra mim, o contexto em que isso existe, é o afrofuturo" (Entrevistado 2). Essa realidade pode ser sentida, por exemplo, pela Respondente 970: "Sou tatuada, e quando entro nos estabelecimentos comerciais as pessoas me olham como se eu fosse roubar".

Figura 10 - Pertencimento

6. "Já senti que uma tatuagem não iria ficar bem na minha pele por eu não "pertencer" ao padrão representado no portfólio do tatuador"

1.005 respostas



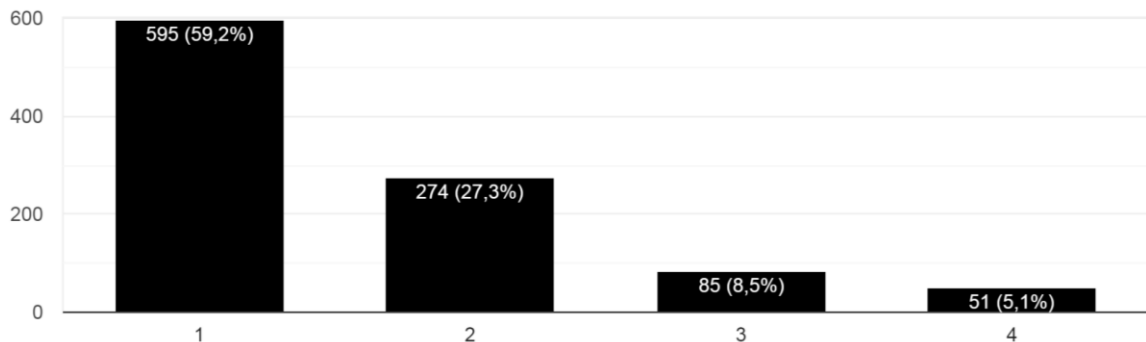
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Ademais, a maior parte dos respondentes concordaram que, ao ver pessoas influentes com pele retinta tatuadas, se sentem mais seguras para se tatuar (Figura 11), afirmação que demonstra a importância da representação na tatuagem, assim como aconteceu para Oliveira (2023) com sua inspiração para se tornar uma jornalista, tendo como referência Glória Maria.

Figura 11 - Influência e representatividade

12. "Quando vejo pessoas influentes de pele retinta tatuadas, me sinto mais seguro(a) em me tatuar"

1.005 respostas



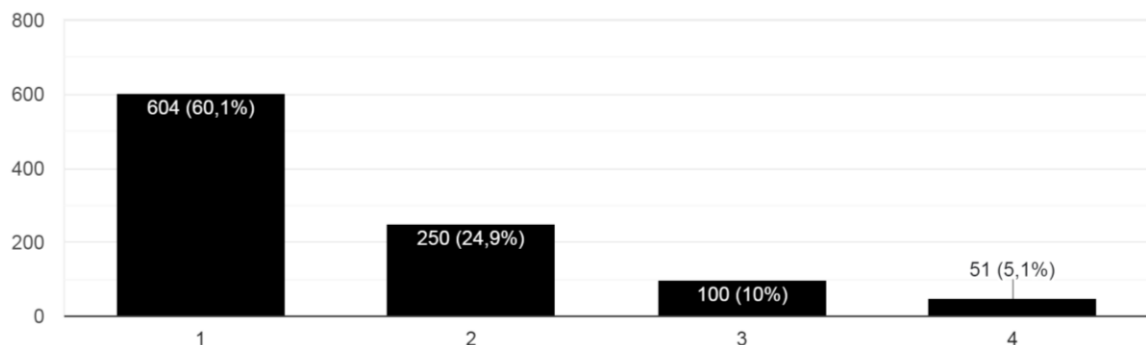
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

E, por fim, o resultado da afirmação “Sinto que o afastamento da tatuagem de pessoas não brancas está ligado ao Racismo” resultou na maior parcela de concordância entre os respondentes, como mostra a Figura 12.

Figura 12 - Representatividade e Racismo

13. "Sinto que o afastamento da tatuagem de pessoas não brancas está ligado ao Racismo"

1.005 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

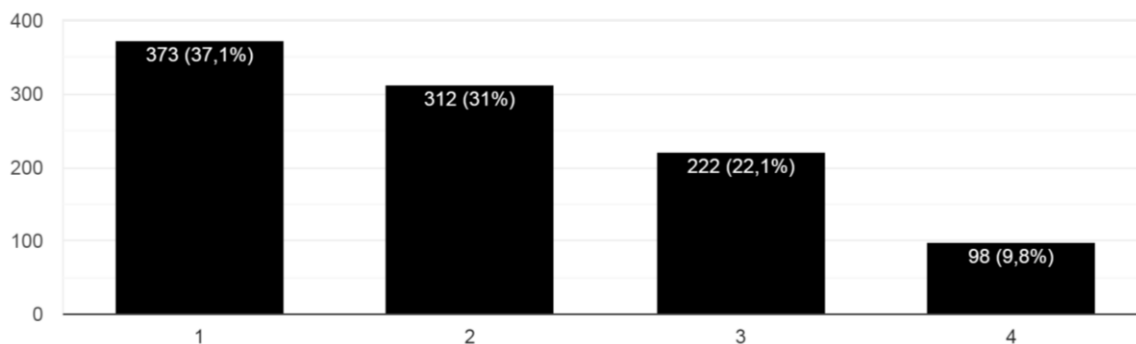
4.3. Afroconsumo

Segundo Andrade (2020), o afroconsumidor vem se tornando cada vez mais exigente ao consumir, exigindo do mercado uma consciência e representatividade, mas, de acordo com Fernandes (2021) e como visto acima, os corpos negros ainda não correspondem à realidade proporcional ao Brasil em virtude da sua baixa presença numérica. Visando entender se a realidade citada por Andrade (2020) se aplica à indústria da tatuagem no país, foi perguntado na pesquisa quantitativa se, antes de escolher um tatuador, os clientes levam em consideração a representatividade de pele negra em seu perfil, na qual a maior parcela das respostas foram concordantes (Figura 13), como foi relatado pela Respondente 100: “Antes de fazer minhas tatuagens, pesquisei muito por tatuadores que tinham tatuado em peles negras, e a maioria das fotos no instagram dos tatuadores eram sempre pessoas brancas [...]”.

Figura 13 -

2. “Antes de escolher um tatuador, levo em consideração a representatividade de pele negra em seu perfil”

1.005 respostas



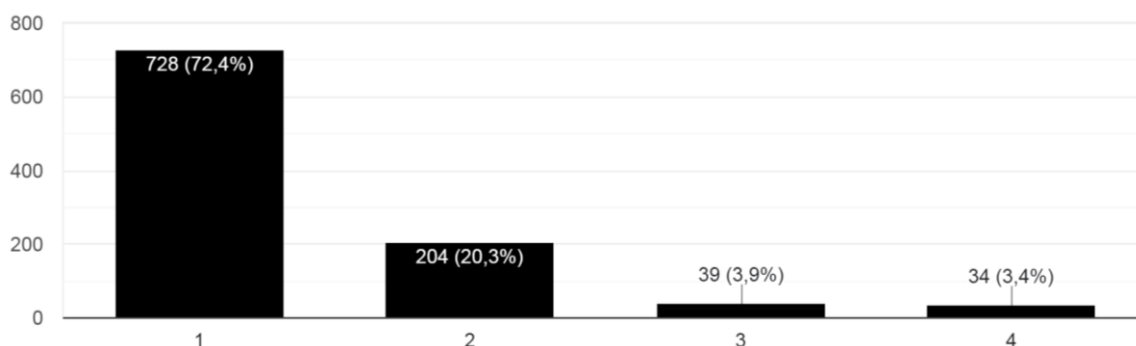
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Essa realidade também é percebida pelos profissionais pois, os que evitam alterar o tom natural da pele nas edições de imagem e apresentam uma parcela significativa de tatuagem em peles não brancas em seus portfólios, recebem uma quantidade maior de clientes não brancos, como relatado pelo Entrevistado 2: “Quando começam a acessar o meu trabalho [...], começa a se despertar uma vontade de se tatuar”, assim como a Entrevistada 10, a qual percebeu que chegaram mais pessoas pretas após lançar a corrente do “*surrealismo negro*”, estilo que, segundo a tatuadora, se dá pelos aspectos abordados no surrealismo, como subjetividade e psicanálise, mas sob uma perspectiva “*afrocentrada*”. Além disso, a maior parcela dos respondentes concordou que, ao perceber que o profissional trabalha com peles não brancas, se sentem mais confortáveis a contatá-los, na qual apenas 7,26% (n= 73) dos respondentes foram contra, em algum grau, como exibidos na Figura 14.

Figura 14 -

5. “Ao notar que o profissional tatua em pele não branca, me sinto mais confortável a contatar seu trabalho”

1.005 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

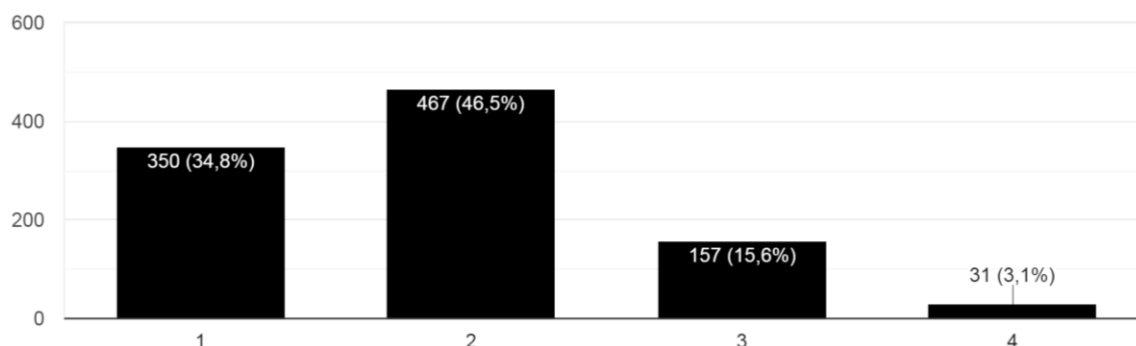
Segundo Maschio *et al.* (2022), o afroconsumo tem avançado pela produção e circulação de mercadorias que visam atender este público, mesmo que seja um avanço tímido. Esta realidade também pode ser percebida na indústria da tatuagem pois, ao perguntar se “é possível

notar um aumento da tatuagem em pele não branca nos últimos anos”, a maior parte dos respondentes concordou, mas não totalmente, como aponta a Figura 15.

Figura 15 -

3. "É possível notar um aumento da tatuagem em pele não branca nos últimos anos"

1.005 respostas



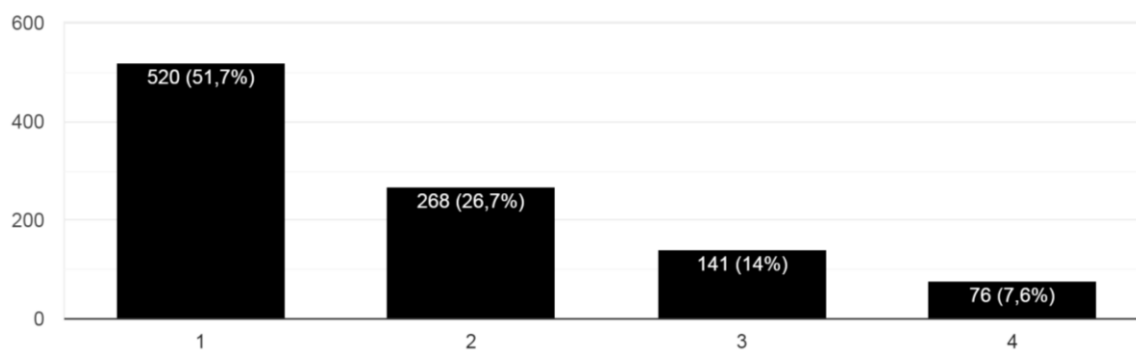
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Além disso, segundo Divino e Benevides (2019), os valores do afroconsumo se relacionam com a valorização da cultura afro, como uma resposta a autoafirmação de uma etnia, algo que já foi uma realidade ignorada pelo mercado, mas que hoje o afroconsumidor busca por essa identidade. O mesmo acontece na indústria da tatuagem, não apenas pela busca da representatividade em portfólio como visto acima, mas também pela busca de realizar tatuagens que representem sua identidade e cultura. (Figura 16).

Figura 16 -

11. "Tenho tatuado em mim, ou pretendo tatuar, artes que valorizam a minha cultura e identidade"

1.005 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

4.4. Tatuadores

Com base na organização da análise dos resultados (BARDIN, 2016) e visando um melhor entendimento do conteúdo das entrevistas, este tópico foi dividido em quatro etapas. De início, teremos a apresentação, com informações gerais e introdutórias do estudo, inclusive sobre o perfil dos tatuadores entrevistados. Em seguida, abordaremos a relação dos tatuadores com os consumidores não brancos, porcentagem de participação desta população e motivações observadas pelos tatuadores, assim como as dificuldades. No terceiro ponto, será relatado o contexto da produção da tatuagem, desde a formação dos tatuadores aos maquinários

comprados, relatando percepções e dificuldades neste aspecto, assim como estratégias para lidar com estes impasses. Por fim, observaremos as percepções e crenças dos tatuadores acerca das peles não brancas e questões identitárias.

4.4.1. Apresentação

A fim de atender o objetivo específico c: “entender os desafios enfrentados pelos profissionais nas tatuagens em pele não branca” e observando os critérios estabelecidos para obter uma diversidade entre os profissionais entrevistados, como o critério de gênero, etnia, técnicas e estilos de tatuagem, o que alcançou uma maior variação na percepção da problemática foi o étnico. O gênero dos tatuadores não se mostrou um fator determinante para diferentes posicionamentos, mas as técnicas e estilos, assim como a localização geográfica, parecem exercer alguma influência.

Para a realização das entrevistas, foram selecionados 20 profissionais, sendo 10 observados como pessoas brancas e 10 não brancas, divididos entre 10 homens e 10 mulheres. Destes, 8 não compareceram à entrevista, 7 observados como brancos e 1 indígena, sendo 4 homens e 4 mulheres (Quadro 3).

Quanto ao estilo de trabalho, a maioria dos tatuadores afirmou não se enquadrar em algum específico, podendo assim manter um estilo livre, sem limitações e categorizações para criar sua arte, sendo, portanto, uma junção de técnicas, junção de estilos, adaptações de estilos ou ainda criação de novos. Apesar disso, observamos que, de modo geral, muitos podem ser observados como *blackwork*⁴, e poucos seguem um estilo específico. As respostas relativas ao perfil foram apresentadas no Quadro 2. É válido salientar ainda que os resultados obtidos não são generalizáveis para o universo dos tatuadores.

4.4.2. Relação com os consumidores não brancos

Apesar da baixa participação de pessoas brancas entrevistadas (Entrevistados 5, 7 e 8), foi possível notar percepções diversas entre eles acerca das questões apresentadas. O Entrevistado 5, por exemplo, define seu estilo como realismo moderno e contemporâneo, no qual mescla o realismo com formas geométricas, tendo influências diretas da cultura europeia, e que, apesar de não recusar trabalhos em pessoas não brancas, assim como todos os outros tatuadores entrevistados, essas peles correspondem apenas a uma parcela de 8% a 10% da sua clientela. Como motivação para isso, além de pontos que serão debatidos adiante, o tatuador afirma que os clientes não brancos se sentem inseguros, uma vez que na internet circulam exemplos de tatuagens em peles claras,

é justamente as fotos das tatuagens que tem mais contraste, que tem mais definição, tem mais destaque, e aí as pessoas negras, acho que quando elas olham elas imaginam “poxa, mas na minha pele não vai ficar desse jeito, não vai ter esse contraste e esse destaque né?” e aí rola aquela insegurança, aquele desconforto, aquele medo/receio (Entrevistado 5).

Portando um pensamento parecido, a Entrevistada 8 afirma que, além da percepção dos não brancos, de que tatuagem não fica bem nas peles mais escuras, ela não acredita que o seu estilo (*fineline*⁵ e microrrealismo⁶, no qual resolveu investir por não ser comum no Brasil e por

⁴ Tatuagens realizadas apenas com tinta preta.

⁵ Tatuagens realizadas apenas com traços finos.

⁶ Também chamada de “mini realismo”, é a tatuagem que objetiva a representação verdadeira de uma imagem, mas em um tamanho pequeno.

admirar em pessoas de fora do país, como nos coreanos) influencie na baixa porcentagem de seus clientes

não acho que seja pelo estilo, acho que é questão cultural mesmo, da gente ver que, infelizmente, a maioria... porque assim, tatuagem querendo ou não é um luxo, né? Não é uma necessidade básica, então, infelizmente, a maioria da nossa população (Recife e Brasil) de classe média e média alta é composta por pessoas de pele clara, aí eu acredito que isso é um fator determinante (Entrevistada 8).

De acordo com Rocha e Casotti (2017), porém, é notado um aumento da capacidade de consumo dos negros e que, a associação desse grupo com um consumo financeiramente restrito, apesar de ainda existir, deveria estar perdendo força (ROCHA; CASOTTI, 2017). Em contrapartida, a Entrevistada 7, também autodeclarada branca, afirmou que, apesar do percentual de seus clientes não brancos ainda ser considerado baixo (20%), presume que, com o tempo, esta parcela esteja aumentando, pois não acredita na ideia de que tatuagem serve apenas para peles claras, mas que, infelizmente

é o que já vem embutido na cabeça das pessoas, né? Que é uma ideia muito preconceituosa, de que a tatuagem em pele preta não realça, não fica legal, não cicatriza bem, não dá pra ver... e isso acaba sendo aceito pelos tatuadores que não querem, na maioria das vezes, aprender como é que se aplica uma tatuagem bem feita em uma pele não branca (Entrevistada 7).

A entrevistada complementa ainda que existe comodidade na maioria dos tatuadores, pois se acostumam com a facilidade de trabalhar com pele branca e se acomodam “a fazer só de um jeito e não tentar fazer de outras formas que são tão viáveis quanto” e que não é tão limitante quanto se prega ser. Porém, apesar disso, assume que, ao desenhar rostos para seus trabalhos, ainda segue uma referência eurocêntrica. É válido dizer ainda que a tatuadora trabalhou, por um ano, em um estúdio de grande diversidade e pautas sociais, no qual serviu de referência e ensinamento para suas atuais percepções “comecei na *tattoo* meio que nadando contra essa maré, de que tatuagem só fica legal em pele branca, até pelas pessoas com quem eu me aproximei”.

Por sua vez, o Entrevistado 9, que também fez parte do mesmo estúdio, afirmou que sua passagem pelo espaço também o ensinou algumas coisas, mas que, diferentemente da Entrevistada 7, tenta buscar referências de rostos que fogem do padrão socialmente definido como belo, e eurocêntrico, para seus trabalhos, ao explorar traços de nariz e lábios mais largos, além de conseguir provocar um maior contraste em suas artes, assim como a Entrevistada 4, uma vez que se inspira em seus clientes e em pessoas parecidas com ela, pois antes se questionava: “onde estão as pessoas que se parecem comigo, com meu pai e com meu irmão?”. Ademais, uma vez que de 70% a 75% de sua clientela são pessoas não brancas, o Entrevistado 9 acredita que essa porcentagem considerável se dá pela identificação e que, depois da sua experiência no estúdio em questão, “mais pessoas de peles não brancas vieram me procurar. Mas, desde antes, já tinha uma galera que se tatuava comigo assim, acho que é muito isso de identificação mesmo e o meio assim que eu vivo, sabe?”. Essa realidade pode ser comparada ao pensamento de Andrade (2020), ao afirmar que o afroconsumidor se torna cada vez mais exigente em suas dinâmicas de consumo, exigindo uma maior representatividade.

Assim como a percepção relatada do Entrevistado 9, o Entrevistado 11 afirmou que a identificação e seu meio de convívio são fatores determinantes para uma porcentagem considerável de clientes não brancos (60%) em seus trabalhos: “eu habitei muitas comunidades, muitos conjuntos habitacionais, tatuei muita gente periférica, e eu criei uma clientela muito forte nessa (minha) galera”. Além disso, foi identificado também que o fator geográfico

brasileiro é uma causa para as diferenças da representação da tatuagem em pele não branca no país pois, como dito pela Entrevistada 3, quando está em Curitiba - PR, lugar em que mora, cerca de 95% dos seus trabalhos são em peles brancas, mas que, quando viaja para outras regiões como sua cidade natal, São Luís - MA, a participação de peles não brancas aumenta significativamente, sendo mais rara a tatuagem em peles brancas. E ainda, a entrevistada nota que, ao contrário de estados como Pernambuco e Rio de Janeiro, por exemplo, que existem profissionais que trabalham em peles não brancas, no lugar em que mora isso não ocorre. Em complemento, afirmou também que o estilo é uma outra grande influência, como o *fineline*, pois as pessoas com peles mais retintas tendem a questionar se a tatuagem terá ou não um destaque, indagações que seus clientes não brancos já levaram a ela.

O estilo de tatuagem também foi um ponto defendido pela Entrevistada 4, ao afirmar que alguns estilos, como *fineline*, microrrealismo e aquarela⁷, são “criados por pessoas brancas para pessoas brancas” e que “não é que não vai ficar bonito”, mas não é um estilo pensado para todos os tipos de peles. Além disso, a tatuadora afirma

é uma linha muito tênue entre explicar isso e a pessoa achar que eu não sei fazer, ou que não vai ficar bom na pele dela, entende? achar que o problema é a pele dela. Por isso, eu sempre tento trazer outras referências, referências mais ancestrais mesmo de tatuagem, para que as pessoas entendam que isso também é bonito, isso também é uma referência, isso também... sabe? E que elas comecem a querer esse estilo de tatuagem (Entrevistada 4).

Referente ao mesmo ponto, a Entrevistada 12 comenta que, às vezes, “algumas pessoas retintas querem algumas coisas, tipo, que não vai dar certo na pele dela e você tem que conversar bem com a pessoa”, mas afirma que geralmente as pessoas entendem. E, ainda sobre o estilo, o Entrevistado 1 acredita que

A galera, os clientes não brancos, têm muita resistência de tatuar realismo, principalmente o micro, acredito que não é nem por eles não quererem, mas é porque... eles nem chegam por acreditar que não vai ficar bom, sabe? E eu acho que isso é principalmente pelas pessoas que tatuam realismo não procurarem inserir um pouco desse público, ou chamarem um pouco desse público (Entrevistado 1).

Portanto, os tatuadores notam um afastamento da tatuagem para as pessoas não brancas em virtude de inseguranças e baixa representatividade. Como dito por Andrade (2020), os grupos étnicos não se encaixam e “nunca se encaixarão por questões fisicamente impossíveis” (ANDRADE, 2020, p. 64), o que pode gerar mal-estares e, por ter que se reorganizar a partir de subjetividades identitárias em um contexto eurocêntrico, provavelmente, estes clientes podem ter desdobramentos na saúde mental, como as inseguranças apresentadas (ANDRADE, 2020). Em vista disso, entendemos que, assim como a maquiagem foi criada em civilizações antigas africanas e se tornou projetada para a pele de pessoas brancas, a indústria da tatuagem seguiu o mesmo percurso, uma vez que atendeu a padrões de colonialidade que estabeleceu a noção do belo como o padrão do branco (PINHEIRO; ROSA; CONCEIÇÃO; 2019).

⁷ Estilo de tatuagem que imita a técnica de pintura, de mesmo nome, na qual se dilui a tinta antes de aplicar na tela.

4.4.3. O contexto da produção da tatuagem

O impasse em introduzir conceitos, culturas e identidades não brancas na indústria da tatuagem é sentida desde o âmbito da formação do tatuador, ou seja, quando se trata dos materiais comercializados para quem deseja se tornar um tatuador ou se aperfeiçoar, como relatado pela Entrevistada 7: “inclusive os materiais que a gente tem, de estudo, de proporção de rosto etc., é muito quadrado, com padrões eurocêtricos”, pelo Entrevistado 9 “até a questão de peles sintéticas ou artificiais, você não vê (um tom) mais escuro, sabe? Só vê branco” e pelo Entrevistado 2 “a construção da gente enquanto tatuador é pautado em pele branca (workshops, peles sintéticas, aulas, materiais de estudo etc.). A gente cresce, enquanto tatuador, formado e pautado para tatuar em pele branca”.

A partir disso, percebemos que os tatuadores entrevistados que trabalham com peles não brancas buscam alternativas para aumentar a representatividade nesta indústria, como, dito pelo Entrevistado 2, realizar desenhos de rostos com fenótipos negróides ou indígenas, assim como o Entrevistado 6, que tem como identidade de desenho “um nariz mais negróide, uns lábios mais grossos... são traços voltados para o que eu me enxergo”, ou seja, tenta representar uma realidade próxima da sua.

Outrossim, mas buscando também um maior acesso de pessoas não brancas às tatuagens, alguns tatuadores realizam descontos para estes consumidores, sendo todos autodeclarados negros, como o Entrevistado 11, “o valor de uma tatuagem nunca foi acessível e, como eu disse, tento criar um acesso como posso” e o Entrevistado 2, pois afirma considerar questões financeiras, de classe e raciais, a fim de incluir mais pessoas não brancas na tatuagem, além da realização de um projeto chamado “tatuagem social”, no qual são doadas duas tatuagens, por mês, a pessoas pretas de baixa renda que querem se tatuar com ele. Dessa forma, afirma que gera um portfólio com peles negras e, com mais pessoas negras acessando seu perfil, mais seu trabalho é consumido por eles e assim sucessivamente: “hoje eu sou a pessoa com maior público de tatuagem em pele negra, no Instagram, no Brasil, com 85 mil seguidores. Vem crescendo bastante”. Com isso, notamos uma ligação direta com o que Andrade (2020) e Silva *et al.* (2020) defendem, pois o afroconsumidor passa a adquirir bens e serviços que atendam a especificidades deste público, como questões identitárias e culturais, tornando a empresa ou, nesse caso, o tatuador com um diferencial no mercado.

Ainda sobre representatividade, durante as entrevistas, foi perguntado sobre a edição das fotos de tatuagem postadas nas redes sociais. Alguns autodeclarados brancos afirmaram que sim, costumam editar, mas não no sentido de “mudar a arte, sabe? Não é isso, é só questão de tratamento de cor mesmo, assim, pra [...] melhorar a apresentação, sabe?” (Entrevistado 5), assim como a Entrevistada 8, que realiza uma edição padrão, para ficar tudo no mesmo tom e “deixar o feed mais uniforme”. Logo, assim como a análise das técnicas fotográficas utilizadas pela empresa de cosméticos AVON, na qual os encartes de 2012 (Anexo A) mudavam a luminosidade e, conseqüentemente, causavam um branqueamento à pele da modelo negra, o mesmo pode acontecer com tais profissionais (Anexo C), sendo ainda um fator técnico, mas que associado a um padrão e estrutura social, nos leva a uma análise não representativa nestes portfólios (SANTOS, N.G; SANTOS, M.Z.A.B, 2022).

Em contrapartida, os tatuadores que tatuam em peles não brancas se opõem a estas práticas, como a Entrevistada 3: “não costumo, justamente por isso, acho que é importante ter tons de pele diferente no feed”; o Entrevistado 1 que, buscando por um equilíbrio, afirma aplicar em algumas imagens o preto e branco, mas faz poucas modificações para “deixar um pouco mais rosa, deixar um pouco mais alaranjado” e que gosta “do colorismo em si, sabe? Então eu fico mudando, e acho que isso acaba aproximando um pouco as pessoas”; e o Entrevistado 6: “Dentro do meu trabalho eu tento trazer o cliente junto, que eu acredito que é um trabalho em equipe, sabe? Então não tem pra que alterar o tom da pele da pessoa” e complementa “Hoje as

alterações que eu faço são mínimas, com ajuste de luz, nitidez... eu evito usar filtros, porque modifica o tom da pele da pessoa”. Desta forma, assim como no encarte da revista AVON de 2021 (Anexo B), notamos uma maior representatividade (SANTOS, N.G; SANTOS, M.Z.A.B, 2022). Esta mesma realidade é defendida por outros profissionais, como o Entrevistado 2, que questiona:

Uma coisa é sábia de se perguntar: o celular, ele reflete o que teu olho vê? Nem sempre ele vai refletir. Você pode ter o iPhone, você pode ter o melhor Samsung da sua vida, o melhor iPhone da sua vida, ele nem sempre reflete o que a gente está vendo. Então, pra mim, quando eu edito, e se eu editar, é sempre para trazer a tatuagem mais próxima do que o meu olho está vendo, entendeu? (Entrevistado 2).

Com um pensamento parecido, a Entrevistada 10, recorda o tom da pele da pessoa antes de tatuar, ou fotografa em um ambiente que a câmera não modifique a imagem (a tatuadora afirma que, às vezes, por fotografar em um ambiente de fundo muito claro, a câmera estoura a imagem, deixando a pele mais branca) e, a partir disso, edita a imagem para que se aproxime do tom exato da pele do cliente.

É importante falar também que alguns tatuadores entrevistados, mesmo que hoje não realizem a edição das imagens com o objetivo de mudar o tom da pele dos clientes, já fizeram isso, como é o caso do Entrevistado 9 quando estava em um estúdio “que tinha muito essa questão de que uma foto bonita e apresentável tinha que estar editada, para destacar mais o desenho”, assim como o Entrevistado 6 que, por ter 15 anos de profissão, as informações chegavam com mais dificuldade.

Eu vim da velha escola de *tattoo*, era muito restrito e foi difícil justamente por ser do Rio de Janeiro, morar num lugar periférico (Baixada Fluminense) ... Eu não tinha muita referência de tatuadores pretos, era realmente começar no escuro” e afirma que “até um tempo atrás, dentro do meu *blackwork*, eu usava uma saturação mais baixa que era pra mostrar o preto (pigmento), mas hoje não mais (Entrevistado 6).

Apesar de se considerar da “velha escola” da tatuagem no país, o Entrevistado 6 ainda faz parte da mesma fase estabelecida por Souza (2020), a Profissional, que vai de 1980 até a atualidade e, pelas diferentes dificuldades sentidas pelo tatuador, observamos a possibilidade de que a fase atual de Souza seja, futuramente, dividida.

Contudo, ainda sobre as dificuldades, a Entrevistada 10, em complemento, afirma que existem “coisas agravantes” ao tatuar uma pele mais retinta, como o “*stencil*”, ou decalque, que é a transferência de um desenho do papel para a pele, o qual o tatuador tem como base ao longo da tatuagem, afirmando que “é difícil de visualizar em pele mais retinta, principalmente quando seca”. A tatuadora diz ainda que esta realidade é mais sentida quando se utiliza o auxílio da impressora, uma inovação no mercado da tatuagem para os profissionais a fim de facilitar o processo na qual, ao invés de utilizar tintas comuns para impressão, são colocadas tintas para decalque de tatuagem em uma impressora de tanque e, dessa forma, o profissional não precisa realizar este procedimento de maneira manual, mas que, com base na experiência da Entrevistada 10, não funciona tão bem para peles mais retintas. Dessa forma, a tatuadora voltou a utilizar o decalque manual e, quando possível, investiu em uma impressora térmica que, apesar de ser mais cara, resolveu o problema, mas afirma: “a indústria não pensa nisso... Assim, na fixação, a indústria não pensa muito em outros tons de pele, então trabalhar com esses materiais é mais difícil”. Similar a isso, o Entrevistado 2 afirma que existe uma dificuldade desse conhecimento, inclusive na internet, sobre tatuagens em peles não brancas e comenta

dizem que pessoas pretas se tatuam menos, eu acredito que não. Se você for numa periferia vai ver pessoas pretas tatuadas, [...] só que as tatuagens não são qualificadas porque as pessoas que tatuam não são qualificadas para tatuar pessoas pretas. É isso não é uma crítica àquelas pessoas, é uma crítica a acessibilidade ao conhecimento. Então o problema não está naquelas pessoas não serem qualificadas, está no acesso que aquelas pessoas não tiveram de estudar sobre tatuagem em pele preta ou como tatuar (Entrevistado 2).

O entrevistado ainda atesta que “se a tatuagem ainda é marginalizada, tipo, pra você achar um conteúdo sobre tatuagem já é difícil, eu falo academicamente, já é difícil... imagina achar um conteúdo acadêmico sobre tatuagem em pele preta, sabe?” e conclui que “eu tenho esperança que um dia, assim como foi a psicologia, que não precisava de faculdade... mas um dia quando existir uma faculdade para tatuagem, eu vou ser o professor [...] para cadeira de tatuagem em pele preta”.

Foi notado também dificuldades quando se trata de tatuagem colorida, como relatado pelo Entrevistado 6 que adaptou seu trabalho ao longo dos anos para atender uma maior parcela de pessoas não brancas: “eu era muito focado no colorido, cores muito abertas, muito fotossensíveis, que infelizmente não funciona pra todo tipo de pele” e, dessa forma, hoje trabalha mais com tinta preta. Assim como citado pela Entrevistada 8 “a gente só se preocupa um pouco com a questão do pigmento de cor”, mas que tenta observar “o tom que ficaria melhor”. Essa realidade também foi sentida por alguns participantes do questionário quantitativo, como o Respondente 208 “Só tenho tatuagens em Blackwork e já ouvi muito que tatuagens coloridas não ficariam bem em mim”, o Respondente 230: “Alguns tatuadores até tatuam peles não brancas, mas acabam não querendo fazer cores, por exemplo, por dizer que não vai funcionar ou vai ficar feio” e o Respondente 491:

Sempre quis fazer tatuagens de animes coloridas, mas como sou preta tenho muita dificuldade em achar tatuadores que fazem esse tipo de trabalho em pele preta. Normalmente o que mais acho é o “*blackwork*”, tatuagens pretas sombreadas. Só vejo postagens desse tipo de tatuagens coloridas em peles super brancas (Respondente 491).

Além disso, a Entrevistada 7 trouxe ainda a questão de que as tatuagens em peles não brancas “não têm o mesmo alcance nas redes sociais do que as tatuagens em peles brancas”. Ou seja, afirma que quando realiza uma publicação no Instagram, por exemplo, que é a rede social em que mais atua, se o trabalho exposto for em pele branca, mais pessoas recebem a postagem, acontecendo o oposto com as peles não brancas.

Com base nos pontos dispostos acima e de modo análogo a Almeida (2018), é perceptível que os padrões da indústria estão, de alguma forma, vinculados à uma ordem social. Logo, assim como existe um afastamento cultural da tatuagem para as pessoas não brancas, a indústria reafirma este padrão, ou seja, a falta de materiais para estudo e trabalho voltados a pessoas não brancas, assim como a baixa representação nas redes sociais e portfólios dos tatuadores, por exemplo, é parte de uma estrutura social previamente existente. Segundo Munanga (2010), o Brasil vive o “mito da democracia racial”, pois os brasileiros têm dificuldade em entender e decodificar o racismo no país, uma vez que não é um ato direto como em outros países e, dessa forma, acreditam que não existe racismo, apesar de não existir uma equidade étnica.

4.4.4. Percepções das peles não brancas

Além das percepções acima sobre peles negras, alguns tatuadores falaram do processo de aceitação da pele como ela é, pois, como defendido por Andrade (2020), apesar da valorização da cultura e identidade das pessoas não brancas, a constante estrutura eurocêntrica impulsiona comportamentos em busca de uma adaptação social. Um dos pontos é que, quanto mais retinta for a pele, mais ela irá refletir e isso será passado nas fotografias, por exemplo, como dito pelo Entrevistado 11, “era uma questão de entender que o brilho na pele, o reflexo, tem que permanecer mesmo”, mas que antes utilizava ferramentas para contornar essa realidade, como a lente polarizada⁸, porém “ficava numa briga interna”, pelos seus valores e a “ideia enraizada da "venda" da tatuagem”, e afirma que foi difícil se desprender desse costume. Realidade similar foi apresentada pelo Entrevistado 2:

As minhas primeiras fotos postadas no instagram são com a lente polarizada. Hoje em dia eu recrimino porque todos os clientes que eram retintos, com a lente polarizada, ficaram amarelos, porque ela modifica a saturação e, todo o fundo de pele preta, ou é avermelhada ou é amarelada e deixa a tatuagem muito preta (Entrevistado 2).

Sendo assim, “mais um reflexo estrutural”, segundo o Entrevistado 11, o qual afirma que também faz parte. Por outro lado, o Entrevistado 5 entende que uma pele mais escura não contrasta com a tinta preta e, dessa forma, a tatuagem não realça, sendo, portanto, uma dificuldade tanto para a aplicação de uma tatuagem mais definida, quanto sua exposição nas redes sociais, por exemplo:

A gente sabe que, numa pele mais clara, a tatuagem vai aparecer mais. E uma tatuagem numa pele mais escura, ela meio que não fica tão visível quanto no fundo... num *background* tão mais claro. Então acho que é mais essa questão de consciência assim... Mas em questão de execução, não tenho problema. A tatuagem, ela vai fluir bem e vai ficar legal. Mas é claro que, quando você tem uma pele mais clara, você consegue manter mais contraste e é isso que vai te garantir mais definição (Entrevistado 5).

Outro ponto levantado pelo Entrevistado 2 é de que a pele mais retinta contém uma quantidade maior de células mortas na camada superficial da pele e, na tatuagem, isso é sentido com “uma resistência maior na agulha ao furar a pele, porque deixa a pele mais ressecada” e, a fim de contornar esse obstáculo, o tatuador em questão faz uso de um esfoliante e o aplica “no local da tatuagem porque ajuda a matar essa primeira camada”, conseguindo assim um melhor resultado. E afirma que sim, “há uma diferença de tatuar uma pele branca, só que isso não é comunicado e, por isso, acaba se tornando uma dificuldade”. Em contrapartida, os Entrevistados 5, 7 e 8, afirmaram não haver diferença entre as peles, com exceção do contraste em relação à tinta preta.

Apesar disso, o Entrevistado 2 trouxe também outro tópico sobre as diferenças de uma pele branca e retinta, na qual afirmou que quando as peles retintas, ou seja, com muita melanina, são arranhadas, por exemplo, elas têm uma maior facilidade em ficar mais escura após a cicatrização, assim como uma maior facilidade em gerar queloides “que, inclusive, era um processo utilizado pelos ancestrais, chamado de escarificação”, como dito por Marques (1997) ao observar que a modificação corporal é anterior à invasão dos colonizadores. E comenta: “hoje eu digo aos meus clientes: se acontecer de você ter queloide na tatuagem, abraça como

⁸ Ferramenta de fotografia que serve para reduzir reflexos.

parte da sua ancestralidade, como parte do seu corpo, e pare de se pautar como pele branca” (Entrevistado 2). Assim como nas tatuagens coloridas, esta realidade também é percebida pelos clientes, como o Respondente 480: “Ouvi muito a desculpa sobre não ter referências em pele negra devido ao "gene de cicatrização", que peles negras têm mais tendência a queloides e outras desculpas "evolutivas" para justificar a falta de trabalho em pele negra”.

Ainda sobre ancestralidade, é válido trazer a visão da Entrevistada 4, autodeclarada indígena, que tende a olhar para a tatuagem “da maneira mais ancestral possível”, buscando, portanto, um maior respeito pelas tradições e culturas originárias da tatuagem (GÓMEZ, 2021). A tatuadora faz, também, uma crítica à tatuagem ocidentalizada (SOUZA, 2020), que é vista apenas como um produto, pois “foi esvaziado e vendido, comercializado. Então qualquer pessoa que tem dinheiro simplesmente [...] pode pagar e tatuar” e que isso leva a situações como “recebo vários pedidos de pessoas brancas, querendo fazer símbolos africanos, por exemplo, ou grafismos indígenas, e essas pessoas se sentem no direito de me pedir isso simplesmente porque elas vão me pagar, sabe?”. Essa questão ética também é observada no Entrevistado 2 ao afirmar que as únicas situações que o leva a negar um trabalho é, por exemplo, “tatuar uma pessoa que não é de ‘axé’, de candomblé, de umbanda etc. e quiser tatuar algum símbolo ou entidade... se a pessoa for um não indígena e quiser tatuar um indígena, pessoas não trans que querem tatuar desenhos de pessoas trans...”. A Entrevistada 4 afirma também que notoriamente “estamos em 2023, a gente está numa sociedade totalmente diferente”, mas acredita que “a tatuagem saiu de um extremo ao outro”, e, também, que estuda sobre tatuagem em outras culturas, como as originárias, e os Maoris exemplificando que “a forma como as pessoas se tatuam lá é muito mais um ritual sagrado mesmo, não é um produto”, como a maior parte das pessoas enxergam, segundo a tatuadora, que continuou afirmando:

existe toda uma preparação e, depois que acaba a tatuagem, os povos originários fazem um ritual mesmo, como se fosse para parabenizar a pessoa por ela ter aguentado a dor, por ela ter passado pelo processo... não só de se tatuar exatamente, mas o processo de mudança mesmo. [...] quando a gente vai fazer uma tatuagem, a gente chega de um jeito e sai de outro. A tatuagem também é um símbolo, né, ela também tem força e transforma [...] então eu percebo que hoje em dia a gente se distanciou muito... a gente foi distanciado na verdade, né? Desse processo espiritual importante e intenso de se tatuar, então problematizo super convenção de tatuagem, eu acho a coisa mais podre mesmo, sabe? Muita apropriação, muito racista, porque é isso, eu vejo que eles basicamente pegaram um conceito, uma parada sagrada, tiraram todo o fundamento e fizeram como eles queriam (Entrevistada 4).

Dessa forma, de maneira comparativa, assim como historicamente houve uma desculturalização dos países invadidos e explorados, como o Brasil, o mesmo aconteceu com a tatuagem, a qual tem suas raízes nos povos originários, mas foi embranquecida, afastada de sua cultura ancestral e colonizada, tendo como seu “descobridor” o capitão branco e inglês James Cook (NETTO, 2011). Com isso, foi possível notar algumas percepções dos clientes, como o Respondente 767: “Por diversas vezes tentei ser tela em convenções e a frase que mais li foi que, para competir, a pele negra não serve”. E, ainda sobre questões identitárias, é válido citar um tema trazido pelo Entrevistado 2, ao afirmar que os brasileiros estão passando por um processo de “percepção racial”, pois, por exemplo, muitos se enxergavam como brancos, mas perceberam que são pardos, ou negros de pele clara. Essa realidade pode ser observada pelo aumento do número de pessoas autodeclaradas negras nos últimos anos (AGÊNCIA IBGE, 2022). Atrelado a isso, a Entrevistada 4 falou sobre a dificuldade de se reconhecer e autoafirmar uma pessoa indígena, sendo uma dificuldade maior quando comparada aos negros:

é muito mais fácil para as pessoas pretas se entenderem como pessoas pretas. Você não precisa buscar lá no continente de onde você saiu, de onde saiu a sua família, de onde surgiu... mas para se autodeclarar uma pessoa indígena, mesmo você tendo essa raiz, é muito complicado, porque eu acho que a cultura indígena é muito folclorizada, então é como se existisse uma fada ou um duende, sabe? Eu sinto que é dessa forma (Entrevistada 4).

E completa afirmando que, ao mesmo tempo em que as pessoas a enxergam como pessoa indígena, pelos seus traços e porque “parece uma índia”, quando ela se afirma indígena perguntam “Ah, mas indígena de onde? Quem falou? Indígena da cidade? Indígena de *iPhone*?”, e conclui que

as pessoas só aceitam a partir do momento que elas podem decidir, sabe? Se ela acha que eu pareço ou que eu sou, aí tá ok, mas quando eu falo que realmente sou, aí é tipo “Ue?! Calma aí”, sabe? “Não, não é”, entende? “Você não anda pelada, você não está na floresta, então não é” (Entrevistada 4).

Por fim, outro ponto trazido por alguns tatuadores, como a Entrevistada 12, foi não apenas sobre a falta de representatividade de peles não brancas, mas também de corpos que são fora de um padrão estabelecido socialmente: “tem a questão de você ter o tom de pele escuro, mas tem corpos que acham que esse corpo não merece uma tatuagem, que esse corpo não pode ser sensual” e afirma que, após colocar mais modelos de pessoas pretas e gordas para expor seus trabalhos, essas pessoas apareceram mais. Além disso, trouxe também a questão do preconceito que, apesar de ter diminuído quando se trata apenas da tatuagem, ainda existe quando se tem uma pele mais retinta, afirmando que algumas pessoas têm medo “de serem marginalizadas por causa da tatuagem somada a cor da sua pele, né? Então, tem corpos que têm medo”, tema também debatido pelo Entrevistado 2 e comprovado pelo Respondente 657: “Por muito tempo tive medo/receio de me tatuar por achar que talvez não ficasse bom no meu tom de pele. E também por receio de ser mal visto, por ser um preto tatuado” e a Respondente 970: “Sou tatuada, e quando entro nos estabelecimentos comerciais as pessoas me olham como se eu fosse roubar”. Dessa forma, assim como dito por Ribeiro (2019), o Brasil é um país racista, mesmo que de maneira indireta, no qual se nega direitos para os indivíduos não brancos e que, atrelado a falta de medidas inclusivas geram consequências, como o preconceito e a violência (SANTOS, 2019).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar a relação entre a baixa representatividade das tatuagens em peles não brancas e o racismo estrutural brasileiro. Para isso, se considerou as respostas da pesquisa quantitativa dos clientes e qualitativa dos tatuadores. Assim, por mais que seja notado um aumento da tatuagem em peles não brancas nos últimos anos, o estudo atingiu o objetivo específico “a”, pois foi capaz de observar que os clientes não se sentem representados na atual indústria da tatuagem, em razão de que a maior predominância de trabalhos expostos é em peles brancas, assim como os rostos e corpos desenhados, que seguem o mesmo padrão estético.

Outro ponto que corrobora para esta conclusão, é a fácil percepção dos consumidores de que os tatuadores, antes de publicar seu trabalho, costumam modificar a imagem a fim de

embranquecer o tom da pele do cliente tatuado. Quanto a isso, vale ressaltar que, na pesquisa qualitativa, poucos profissionais autodeclarados brancos aceitaram e/ou conseguiram participar, mas foi possível notar que alguns fatores contribuem para o cenário apresentado das edições em seus portfólios: Etnia, pois os tatuadores autodeclarados brancos apresentaram uma maior tendência a modificação das imagens enquanto os não brancos respeitavam a cor natural da pele; Período, uma vez que foi apontado um maior entendimento acerca desta problemática nos últimos anos; Ambiente, em razão da influência de alguns estúdios e lugares de estudo.

Em comparação ao observado por Andrade (2020), pessoas não brancas não se sentem pertencentes àquilo apresentado, provocando, assim, “mal-estares entre os corpos simbólicos, imaginários e reais no processo de identificação” (ANDRADE, 2020, p. 64). A partir disso, a pesquisa também atendeu ao item “b” dos objetivos específicos, visto que identificou que a representatividade é, conseqüentemente, um fator determinante para o consumo deste serviço pois, além da afirmação dos respondentes em se sentirem mais confortáveis, a realidade foi observada pelos tatuadores uma vez que, quanto mais os tatuadores postam nas redes sociais tatuagens em peles não brancas e dão espaço para essas pessoas, mais esse público consome o serviço, corroborando com o pensamento de Silva *et al.* (2020) de que as empresas devem carregar em seu discurso e prática, questões culturais, identitárias e sociais, e, dessa forma, são capazes de gerar um forte sentimento de pertença em seus clientes.

O objetivo específico “c” também foi atendido pois, além do apresentado, entendemos que, dentre os desafios enfrentados pelos profissionais nas tatuagens em peles não brancas, o maior é de que a indústria foi pensada apenas para as peles brancas, seja no processo de estudo de desenho e aplicação, ou no material profissional que, mesmo alguns objetivando facilitar o trabalho, não serve para todos os tipos de peles. Dessa forma, o tatuador tende a se formar como profissional com aptidão apenas para tatuar peles brancas. E, também como consequência da baixa representação, outro desafio apresentado pelos tatuadores é o sentimento que os clientes não brancos apresentam por não entender que a tatuagem não é exclusividade da pele branca, uma dor fruto do racismo presente na sociedade.

Portanto, com base nos dados apresentados, o objetivo específico geral da pesquisa foi alcançado, ou seja, existe uma perceptível relação entre a baixa representatividade das tatuagens em peles não brancas e o racismo estrutural brasileiro. Como dito por Ribeiro (2019), apesar de não ser explícito na maioria dos casos, o país é racista, devendo sempre observar o contexto histórico e, segundo Almeida (2018), essa realidade é apresentada como a concretização de uma estrutura social, na qual as instituições são racistas porque a sociedade é racista. Logo, em comparação com a pesquisa apresentada e tendo como base as afirmações de Almeida (2018), a indústria da tatuagem tem características racistas uma vez que a sociedade é racista, na qual os comportamentos individuais são derivados desta sociedade com costumes no qual o racismo é regra e não exceção. Por fim, pretendemos que o resultado apurado deste estudo auxilie e inspire novas pesquisas acadêmicas e, além disso, propomos para pesquisas futuras estudos com as problemáticas: tatuagens coloridas em peles retintas; excesso de edição nos portfólios de tatuagem; importância da formalização da indústria da tatuagem; alcance nas redes sociais de postagens em peles brancas e não brancas; preconceito na tatuagem em peles brancas e não brancas.

6. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE (BR) (ed.). **População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021**. [S. l.]: Estatísticas Sociais, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de->

[noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021](#). Acesso em: 17 nov. 2022.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ANDRADE, Fernando Montenegro. **Afroconsumo**: Ensaio-teórico sobre a influência dos fenômenos raça e etnia sobre o consumo da população negra brasileira. Orientador: Prof. Doutor João Angelo Fantini. 2020. Monografia (Especialização em Semiótica Psicanalítica) - COGEAE - PUC (SP), São Paulo, 2020. Disponível em: https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/26660/1/Fernando%20Montenegro%20Andrade_monografia.pdf. Acesso em: 24 jan. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENEVIDES, Tânia Moura; DIVINO, M.N.A. Marketing Digital: uma análise sobre o uso do Instagram, como ferramenta de promoção de produtos étnicos para o público afrodescendente, em Salvador-BA. **Revista Formadores: Vivências e Estudos - Afroconhecimento**, [s. l.], v. 12, ed. 7, 2019. Disponível em: <https://adventista.emnuvens.com.br/formadores/article/view/1223>. Acesso em: 12 jan. 2023.

BRESCIANINI, Carlos Penna; SENADO FEDERAL (DF). Agência Senado. Há 131 anos, senadores aprovavam o fim da escravidão no Brasil. **Senado Notícias**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/13/ha-131-anos-senadores-aprovavam-o-fim-da-escravidao-no-brasil>. Acesso em: 3 dez. 2022.

FERNANDES, Pablo Moreno. A carne mais barata do mercado na publicidade: representatividade negra em anúncios publicitários. **Líbero**, São Paulo, ano 24, n. 47, p. 179-196, 2021. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/viewFile/1211/1217>. Acesso em: 12 jan. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GÓMEZ, Clara Maduell. Vivendo à flor da pele: a tatuagem como marca identitária. **Vivência: Revista Antropologia**, [s. l.], v. 1, n. 58, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/27615>. Acesso em: 9 fev. 2023.

MARINI, Mariana. Se falam hoje sobre racismo, é porque a Titia Glória tá aqui: Glória Maria falou sobre racismo no "Roda Viva". **UOL**, [S. l.], 2 fev. 2023. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2023/02/02/gloria-maria-luta-contraracismo.htm>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. 1. ed. [S. l.]: ROCCO, 1997. 248 p. ISBN 9788532506856.

MARTINS, C.A.M. Negro, publicidade e o ideal de branqueamento da sociedade brasileira. **RuMoRes**, [S. l.], v. 3, n. 5, 2009. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2009.51157. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51157>. Acesso em: 20 nov. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Cotas**: Nota de esclarecimento, [S. l.], 30 ago. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/nota-de-esclarecimento/lei-de-cotas>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MASCHIO, H. A. et al. Percepção de consumidores negros sobre a imagem da marca de maquiagem. **Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)**, v. 6, n. 1, 7 nov. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/17136>. Acesso em: 24 jan. 2023.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**: Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira, [s. l.], n. 12, p. 1-384, 2010. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/aceso/autorizado?expires=1681918426&file_id=2448&pedido_id=975&signature=c4cabe1d8c2db35b5f6796ddcd3520a5c66694ba38006b2607661f103f2429c9. Acesso em: 3 dez. 2022.

NETTO, H. F. da S. **O corpo como espaço imaginativo**: tatuagem, práticas sociais e simbolismo. 2011. Dissertação (Mestrado - Ciências Sociais) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, [S. l.], 2011. Disponível em: <https://ppgsa.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/dissertacaoTurma2009-HelioNetto.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2022.

OLIVEIRA, Flávia. **Eleitor precisa virar o pescoço e olhar realidade ao redor**. [S. l.]: O Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniaoflaviaoliveira/coluna/2022/10/eleitor-precisa-virar-o-pescoco-e-olhar-realidade-ao-redor.ghtml>. Acesso em: 17 nov. 2022.

OLIVEIRA, Flávia. **'Glória Maria foi corajosa ao ousar ser um corpo negro feminino no jornalismo de TV'**. [S. l.]: O Globo, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/02/flavia-oliveira-gloria-maria-foi-corajosa-ao-ousar-ser-um-corpo-negro-feminino-no-jornalismo-de-tv.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PINHEIRO, B.C.S.; ROSA, K.; CONCEIÇÃO, S. Linda e Preta: discutindo questões químicas, físicas, biológicas e sociais da maquiagem em pele negra. **Conexões**: ciência e tecnologia, [s. l.], v. 13, n. 5, 2019. Disponível em: <http://conexoes.ifce.edu.br/index.php/conexoes/article/view/1759>. Acesso em: 19 jan. 2023.

RECIFE. Decreto Nº 20165, de 28 de novembro de 2003. Regulamenta a fiscalização e vigilância sanitária dos serviços de tatuagens e adornos (piercings) e disciplina os locais apropriados para estes fins. Recife, PE: **Prefeitura do Recife**, 2003. Disponível em: <http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br/decreto/20165/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017. E-book. ISBN 9788597013948. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597013948/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

ROCHA, A.R.C.; CASOTTI, L.M. Reflexões sobre o consumidor negro brasileiro. **Revista pensamento contemporâneo em administração**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 47-62, 2 maio 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11307>. Acesso em: 18 abr. 2023.

SANCIONADA lei que tipifica como crime de racismo a injúria racial. [S. l.]: Agência Senado, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/01/12/sancionada-lei-que-tipifica-como-crime-de-racismo-a-injuria-racial>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SANTOS, N.G.; SANTOS, M.Z.A.B. A fotografia como ferramenta de persuasão: uma análise das técnicas fotográficas utilizada pela Avon. **Revista multidisciplinar do Amapá**, Macapá, v. 2, n. 2, 2022. Disponível em: <http://periodicos.ifap.edu.br/index.php/REMAP/article/view/377>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SCHLÖSSER, A. **Tatuagem**: representações e práticas sociais. Tese de Doutorado em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC), 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191058>. Acesso em: 02 jan. 2023.

SCHLÖSSER, Adriano et al. **Representações Sociais da Tatuagem para Pessoas Tatuadas**. PSI UNISC, 4(2), 62-78. doi: 10.17058/psiunisc.v4i2.14945, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/14945>. Acesso em: 02 jan. 2023.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociedade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SEBRAE. MEI - Tatuador (a). In: SEBRAE (org.). **MEI - Tatuador (a)**: Economia criativa. [S. l.], Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/mei-tatuadora.4626f1d6b46ad710VgnVCM100000d701210aRCRD#exigencias-legais-e-especificas>. Acesso em: 27 dez. 2022.

SILVA, M. A. L.; SOARES, R. L. S. Reflexões sobre os conceitos de raça e etnia. **Entrelaçando: Revista Eletrônica de Culturas e Educação Caderno Temático**: Educação e Africanidades, Bahia, v. 2, n. 4, p. 99-115, 2011. Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/component/phocadownload/category/133?download=144>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SILVA, M. P. da. et al. Do crespo ao cacheado: identidade, consumo e afetividade no mercado para cabelos naturais em São Luís-MA. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, Maranhão, v. 13, n. 1, p. 49 - 68, 11 out. 2020. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/11054>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SILVA, Sara Panamby Rosa da. O corpo-limite. 2013. 222 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.btdt.uerj.br/handle/1/7503>. Acesso em: 09 fev. 2023.

ANEXO B - ENCARTE DA REVISTA AVON NO ANO DE 2021

A MADRAGEM Nº1 DE BRASILEIROS

OLHA DE NOVO PARA MINHA BASE.
Ela não esconde, ela mostra o melhor da minha pele.

MEU TOM É O KAVOUZINHO

MEU TOM É O KAVOUZINHO

MEU TOM É O KAVOUZINHO

EU QUERO!

25% OFF

REFIL

OFERTA

R\$ 42,99 CADA

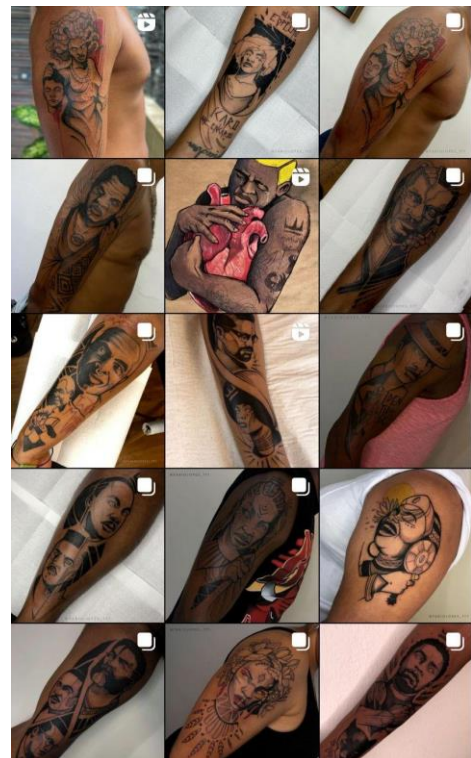
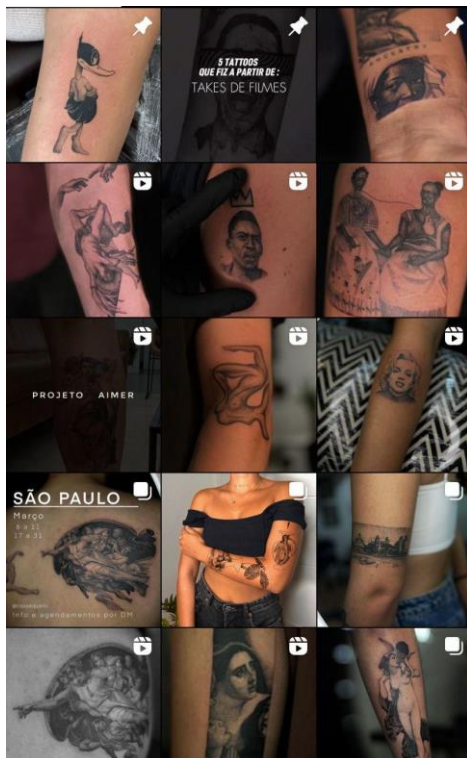
R\$ 23,99 CADA

| MIXAGEM | |
|----------|-----------|
| S1704-1 | S1704-2 |
| S1704-3 | S1704-4 |
| S1704-5 | S1704-6 |
| S1704-7 | S1704-8 |
| S1704-9 | S1704-10 |
| S1704-11 | S1704-12 |
| S1704-13 | S1704-14 |
| S1704-15 | S1704-16 |
| S1704-17 | S1704-18 |
| S1704-19 | S1704-20 |
| S1704-21 | S1704-22 |
| S1704-23 | S1704-24 |
| S1704-25 | S1704-26 |
| S1704-27 | S1704-28 |
| S1704-29 | S1704-30 |
| S1704-31 | S1704-32 |
| S1704-33 | S1704-34 |
| S1704-35 | S1704-36 |
| S1704-37 | S1704-38 |
| S1704-39 | S1704-40 |
| S1704-41 | S1704-42 |
| S1704-43 | S1704-44 |
| S1704-45 | S1704-46 |
| S1704-47 | S1704-48 |
| S1704-49 | S1704-50 |
| S1704-51 | S1704-52 |
| S1704-53 | S1704-54 |
| S1704-55 | S1704-56 |
| S1704-57 | S1704-58 |
| S1704-59 | S1704-60 |
| S1704-61 | S1704-62 |
| S1704-63 | S1704-64 |
| S1704-65 | S1704-66 |
| S1704-67 | S1704-68 |
| S1704-69 | S1704-70 |
| S1704-71 | S1704-72 |
| S1704-73 | S1704-74 |
| S1704-75 | S1704-76 |
| S1704-77 | S1704-78 |
| S1704-79 | S1704-80 |
| S1704-81 | S1704-82 |
| S1704-83 | S1704-84 |
| S1704-85 | S1704-86 |
| S1704-87 | S1704-88 |
| S1704-89 | S1704-90 |
| S1704-91 | S1704-92 |
| S1704-93 | S1704-94 |
| S1704-95 | S1704-96 |
| S1704-97 | S1704-98 |
| S1704-99 | S1704-100 |

ANEXO C - PORTFÓLIO DOS TATUADORES ENTREVISTADOS

ENTREVISTADO 1

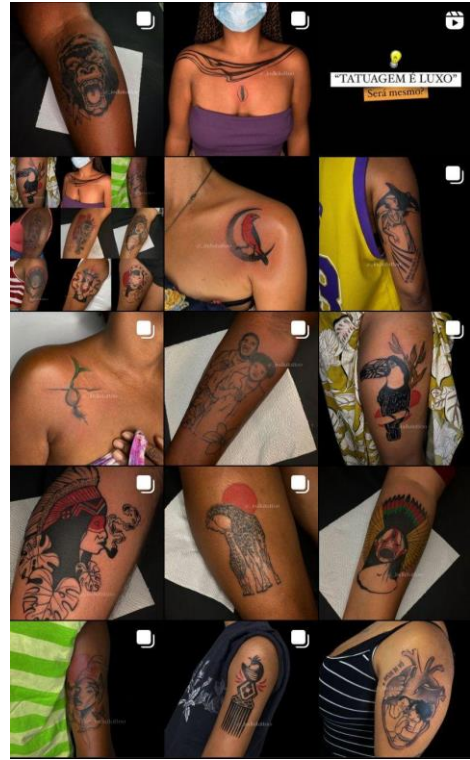
ENTREVISTADO 2



ENTREVISTADO 3



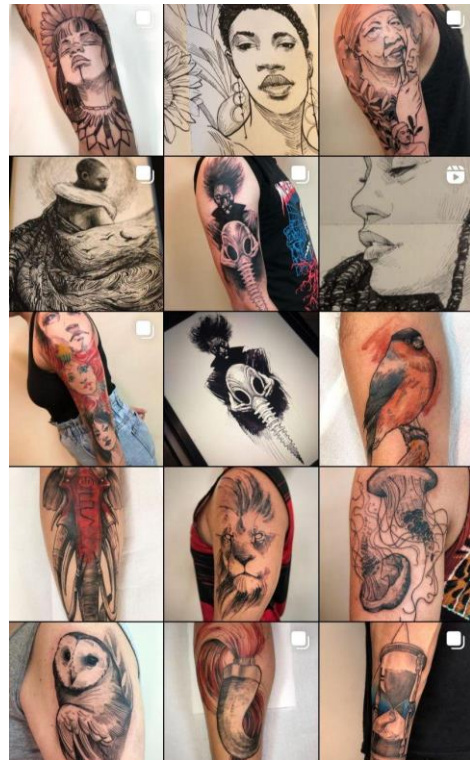
ENTREVISTADO 4



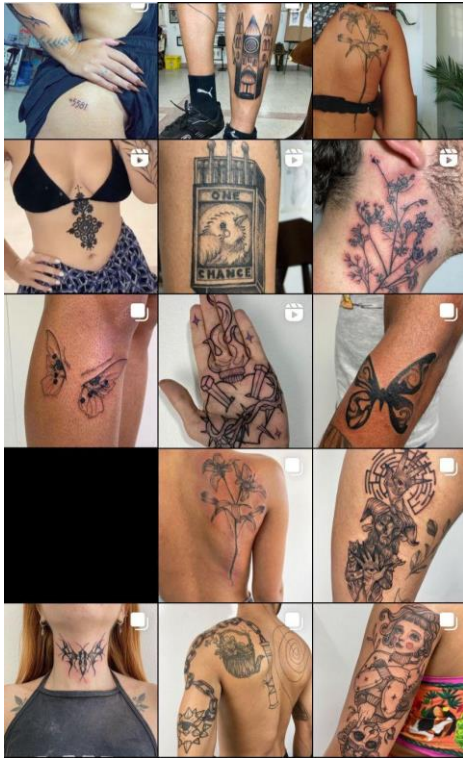
ENTREVISTADO 5



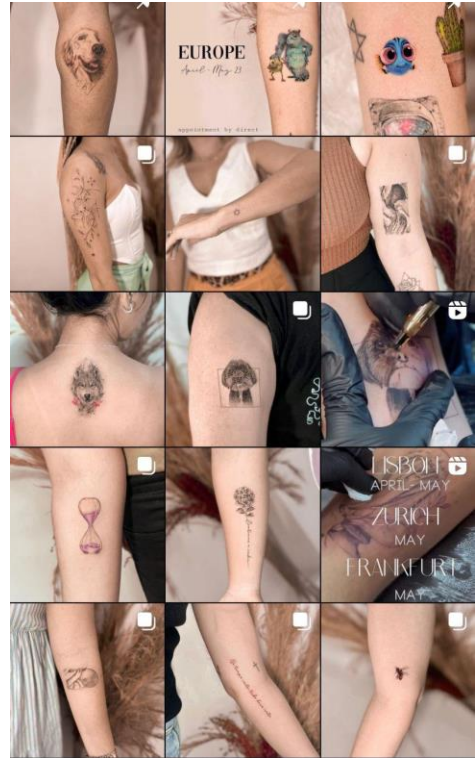
ENTREVISTADO 6



ENTREVISTADO 7



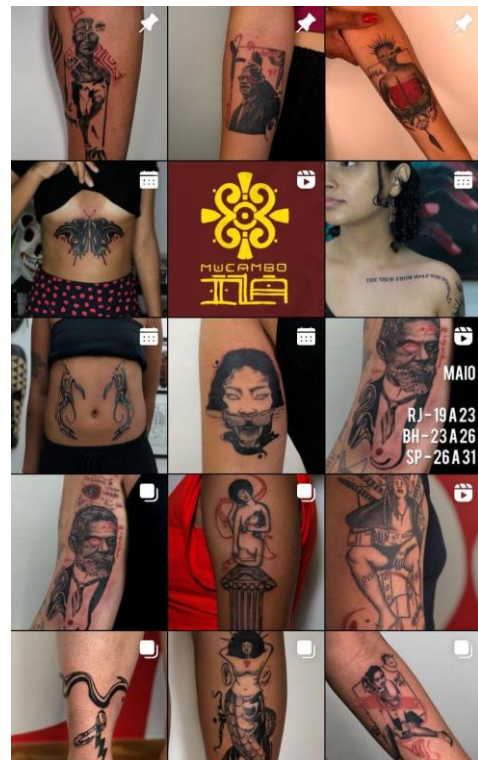
ENTREVISTADO 8



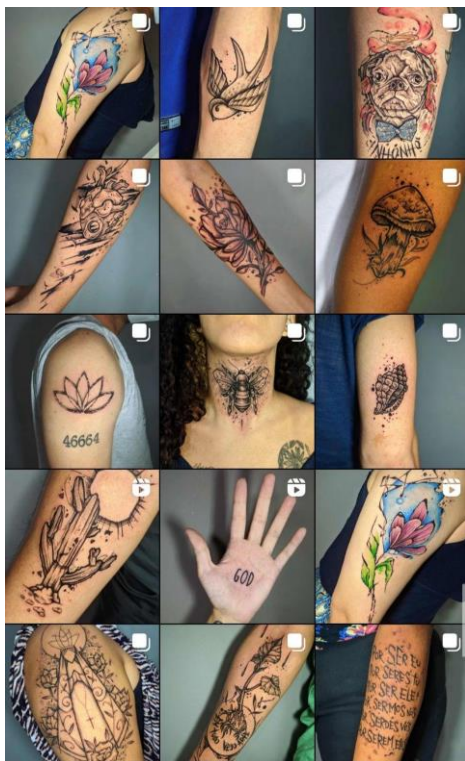
ENTREVISTADO 9



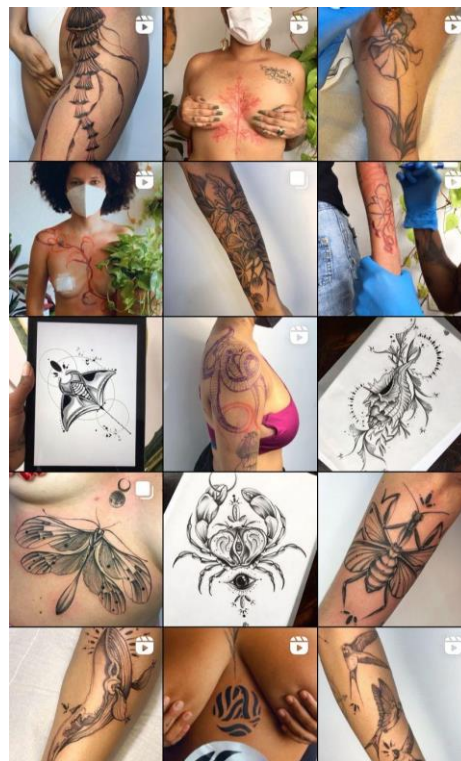
ENTREVISTADO 10



ENTREVISTADO 11



ENTREVISTADO 12



APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO QUALITATIVO

1. Você trabalha há quantos anos com tatuagem?
2. Como foi sua trajetória profissional até se tornar um (a) tatuador (a)?
3. Como você define o seu estilo de trabalho? Como você chegou a esse estilo?
4. Dentre os seus clientes, aproximadamente, qual é a porcentagem dos que tem a pele negra, parda, branca...? (Exata ou margem)
5. Como você explicaria essa divisão? (Desse percentual? Por que tão alto/baixo?)
6. Você sente dificuldade em trabalhar com pele mais retinta? Quais são as dificuldades, obstáculos?
7. Você já recusou trabalhos em virtude desses obstáculos?
8. Você costuma editar as fotos dos seus trabalhos antes de postar nas redes sociais? Como faz isso? (Modifica o contraste? Saturação? Usa filtro preto e branco?)
9. Você mostra seus trabalhos sem filtro e modificação nas redes sociais? Ou seja, mostrando a tatuagem na pele como ela realmente é?

10. Você trabalha com desenhos de rostos? Se sim, como você considera que são os traços?
(Nariz, boca etc.)
11. Você considera que seu trabalho envolve questões políticas ou culturais?
12. Como você se autodeclara racialmente? (Branco, pardo, preto, indígena etc.)

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO QUANTITATIVO

SEÇÃO 1:

Como você se autodeclara?*

Branco(a); Pardo(a); Preto(a); Indígena; Outros: _____

SEÇÃO 2: Perfil Demográfico.

1. Qual o seu estado?*
 2. Em qual cidade você reside?*
 3. Qual é a sua idade?*
- Menos de 18 anos; De 18 a 22 anos; De 23 a 27 anos; De 28 a 33 anos; De 34 a 39 anos; De 40 a 45 anos; De 46 a 50 anos; 51 anos ou +.
4. Qual a sua faixa de renda familiar?*
- Até um salário mínimo; Acima de 1 a 2 salários mínimos; Acima de 2 a 5 salários mínimos; Acima de 5 a 8 salários mínimos; Acima de 8 salários mínimos.
5. Como você se identifica?*
- Mulher; Homem; Prefiro não responder; Outros: _____

SEÇÃO 3: Questionário.

1. “Eu me sinto representado (a) nos portfólios da maioria dos tatuadores”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
2. “Antes de escolher um tatuador, levo em consideração a representatividade de pele negra em seu perfil”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
3. “É possível notar um aumento da tatuagem em pele não branca nos últimos anos”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
4. “Sinto dificuldade em encontrar profissionais que tatuam em pele retinta, pois a maioria dos perfis de tatuadores mostram mais tatuagens em pele branca”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente

5. “Ao notar que o profissional tatua em pele não branca, me sinto mais confortável a contatar seu trabalho”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
6. “Já senti que uma tatuagem não iria ficar bem na minha pele por eu não “pertencer” ao padrão representado no portfólio do tatuador”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
7. “Já testemunhei tatuadores buscando por “pele branca” para estudo, portfólio ou competições”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
8. “Já sofri, ou conheci alguém que sofreu, episódio de racismo ou injúria racial na indústria da tatuagem”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
9. “É possível notar que a maioria dos tatuadores, ao postarem fotos de tatuagens em pele não branca, modificam muito a foto com edição (luminosidade, contraste, preto e branco etc.)”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
10. “Quando se trata de desenhos de rostos e corpos tatuados, a maioria segue um padrão estético de pessoas brancas (largura do nariz, tamanho da boca etc.)”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
11. “Tenho tatuado em mim, ou pretendo tatuar, artes que valorizam a minha cultura e identidade”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
12. “Quando vejo pessoas influentes de pele retinta tatuadas, me sinto mais seguro (a) em me tatuar”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente
13. “Sinto que o afastamento da tatuagem de pessoas não brancas está ligado ao Racismo”*
- Concordo totalmente; Concordo; Discordo; Discordo Totalmente

Gostaria de contar algum exemplo, relato ou compartilhar alguma informação?